



ESTRUTURAS DO NOVO TESTAMENTO E PROCESSO TRANSMISSIVO DOS ESCRITOS NORMATIVOS DA IGREJA CRISTÃ PRIMITIVA: BREVES CONSIDERAÇÕES

Werner Wiese^{1*}

I. INTRODUÇÃO

Na presente abordagem, *igreja cristã primitiva* focaliza, em primeiro lugar, as comunidades cristãs do século I d.C., abrangendo as testemunhas oculares do ministério de Jesus de Nazaré - o Cristo de Deus -, a primeira comunidade cristã em Jerusalém e as comunidades cristãs fora da Palestina da época. Num segundo momento, *igreja cristã primitiva* tem um sentido bem mais amplo e aponta para as comunidades cristãs dos primeiros séculos, espalhadas no império romano, até o “fechamento” do cânone no século IV d.C.

Usamos conscientemente a formulação *breves considerações*, porque aqui apenas podemos fazer algumas considerações breves mesmo. Breves em relação à natureza do assunto em destaque. Trata-se de questões muito discutidas na pesquisa neotestamentária. São questões discutidas, porém, não necessariamente resolvidas ou esclarecidas. Para tanto, basta que se olhe para as assim chamadas *Introduções ao NT*. Como exemplo mencionemos quatro nomes e obras específicas: 1) D. A. CARSON, et. al. *Introdução ao Novo Testamento*. 2) W. G. KÜMMEL. *Introdução ao Novo Testamento*. 3) W. MARXSEN. *Einleitung in das Neue Testament (Introdução ao Novo Testamento)*. 4) U. SCHNELLE. *Einleitung in das Neue Testament (Introdução ao Novo Testamento)*. A seqüência das obras mencionadas não sinaliza preferência; apenas seguimos a ordem alfabética dos nomes dos autores. Contudo, registre-se que, dentre os nomes mencionados, a obra de U. Schnelle considera ou traz os resultados

^{1*} Werner Wiese (Dr.) é docente na área de Novo Testamento na Faculdade Luterana de Teologia – FLT, em São Bento do Sul/SC.

da pesquisa mais atualizados. Como é possível ver, *Introdução ao Novo Testamento* literalmente é uma *expressão técnica* cunhada na literatura “científica” concernente à temática em destaque.

Enfim, a literatura que se ocupa especificamente com as questões introdutórias do NT é quase interminável. Os assuntos *objeto de discussão*, por vezes, deixam o leitor confuso e desorientado. Por enquanto não existe uma perspectiva real de se chegar a um consenso entre os pesquisadores da área. A razão disso não é uma só, mas são várias, por exemplo:

1. O tempo entre os leitores primários e os leitores secundários do NT

Não podemos esquecer que são 19 (dezenove) séculos que nos separam dos escritos neotestamentários e centenas de anos que separam os autógrafos neotestamentários dos manuscritos, acima de tudo gregos, que deram início e continuidade da transmissão dos livros que hoje compõem o NT. Intrinsecamente ligado a isso está um outro fator.

2. O pano de fundo do NT como Escritura normativa para as comunidades/igrejas cristãs

É imperativo da pesquisa, o quanto mais transparente possível, levar em consideração as circunstâncias específicas daquela época, que levaram à redação do NT, contanto que haja condições para isso. Aqui imediatamente surgem algumas perguntas relacionadas aos autores e/ou redatores e destinatários primários, à linguagem e realidade sócio-cultural e religiosa da época, e assim por diante. Indubitavelmente também é imperativo da pesquisa que o sujeito dela trabalhe de forma honesta e transparente.²

3. O NT não “caiu pronto” do céu, mas teve uma história peculiar

Essa história deve ser estudada com carinho e responsabilidade. O objetivo do presente artigo é motivar à retomada de um estudo sério e responsável do NT. Para tal, colocamos algumas ênfases retratadas em *três blocos (capítulos)* que compõem o cerne dessa abordagem. As *notas de rodapé* têm basicamente duas funções: *uma* é a de tornar este artigo mais transparente no que diz respeito às fontes inspiradoras usadas e/ou retratadas. A *outra* quer possibilitar e facilitar uma leitura e pesquisa complementar ao assunto aqui brevemente apresentado e discutido.

No que concerne às referências bibliográficas, no *primeiro uso* de uma obra nas notas de rodapé menciona-se *autor*; *título da obra* (ou do *artigo* com a respectiva obra em que constar), *página(s)* e *volume* (se tiver). A partir do *segundo uso* menciona-se somente *autor*; *volume* (se tiver) e *páginas*; o *título* de uma obra será repetido nos casos em que houver mais

2 Cf. também nesta mesma edição o artigo do professor Jorge Garbers relativo ao *método histórico-crítico*.

do que uma obra do mesmo autor.

II. QUESTÕES ESTRUTURAIS DO NOVO TESTAMENTO

Para muitos é hábito tomar a Bíblia na mão e abri-la como se isso fosse a coisa mais natural do mundo e como se o uso que fazemos dela também o fosse. Às vezes, pressupomos que os nossos ouvintes tenham a mesma afinidade com a Bíblia e a compreendam do mesmo jeito como nós a compreendemos. Mas isso não corresponde à realidade; não passa de uma imaginação que carece de revisão.

1. A estrutura ou moldura externa do NT

Estruturalmente visto e falado, o NT é composto de 27 escritos ou livros. E estes estão numa seqüência muito conhecida, a partir da qual é possível deduzir a estrutura externa, ou seja, dividir os livros do NT em três ou quatro blocos, dependendo do modelo que for adotado.

Modelo a) - *Bloco 1*: este abrange os assim chamados *Livros Históricos* (Mt, Mc, Lc, Jo, At). - *Bloco 2*: ele abrange as *Cartas e/ou Epístolas*. - *Bloco 3*: é composto pelo livro do *Apocalipse de João*.

Modelo b) - *Bloco 1*: os *Evangelhos*. - *Bloco 2*: *Atos*. *Bloco 3*: - *As Cartas/Epístolas*. - *Bloco 4*: *Apocalipse*. A partir dessa estrutura é possível fazer uma *leitura de estrutura teológica* interna. Esse assunto será retomado e brevemente desdobrado mais adiante.³

Voltando aos 27 livros do NT. Nem sempre e nem todos se dão conta de que os livros do NT são riquezas incalculáveis e objeto de pesquisa, produção e inspiração literária infindas, sem paralelo ou analogia no universo literário internacional.⁴ Além disso, queremos apenas reiterar que existem várias formas de se ler o NT, de maneira que parece ser possível usá-lo para legitimar ou então questionar tudo em termos de interpretação religiosa e teológica. É bom observar que, além dos 27 livros que hoje compõem o NT, uma série de outros escritos circulava entre as comunidades (igrejas) cristãs primitivas e eram lidos da mesma maneira como os nossos atuais escritos canônicos.⁵

3 Cf. o item 2.2 e seus desdobramentos em dois subitens.

4 Cf. Martin HENGEL. *Aufgaben der neutestamentlichen Wissenschaft*. In: Theologische Beiräte. 1994/5-6, p. 304-318, p. 304-318. Na p. 305, Hengel observa que sobre o Evangelho de João há em torno de 15 mil obras publicadas, só no âmbito da pesquisa teológica alemã, e isto já há mais de dez anos. Diante desse fato, quem consegue livrar-se da sensação de *ser leigo* no assunto. Além disso, é necessário mencionar os manuscritos do NT e sua história de pesquisa. Cf. detalhes em Wilson PAROSCHI. *Crítica Textual do Novo Testamento*; e outras obras.

5 Cf. a coleção do *Pais Apostólicos*; escritos apócrifos do NT (e AT) e outros escritos cristãos primitivos de autores “gnósticos”.

No processo de canonização do NT se cristalizaram, essencialmente, os 27 livros que hoje conhecemos como escritos normativos para a fé e a vida da igreja cristã. No que diz respeito ao número dos livros, desde fins do séc. IV as grandes igrejas do ocidente e do oriente reconheceram: 4 evangelhos; At; 13 cartas paulinas; Hb; 7 cartas católicas (=Tg; 1, 2Pe; 1, 2, 3Jo; Jd) e Ap. A pequena igreja nestoriana do oriente da Síria, por sua vez, optou pela *Pechita* (Bíblia siríaca) que contém apenas 22 livros. Ela omite 2Pe; 2-3 Jo; Jd e Ap. Já a igreja etíope ampliou a lista dos escritos normativos, acrescentando aos 27 livros, que compõem o nosso NT, alguns outros escritos, como o *pastor de Hermas*; as *cartas de Clemente* e 8 livros das *constituições apostólicas*.⁶ De qualquer forma, como “*consenso oficial*” tem-se os 27 livros que compõem hoje o NT; esses livros perfazem a lista de Atanásio na sua carta de Páscoa de 367 d.C.⁷

No que se refere à seqüência dos livros, já não há um consenso entre os peritos ou as versões do NT. Por exemplo: a versão alemã de Lutero alista os livros na seguinte ordem: 4 evangelhos; At; Paulo; Pedro; João e daí Hb; Tg; Jd e Ap. A seqüência dos livros “defendida” por Lutero não se impôs na tradição protestante de um modo geral. Aliás, não só as outras igrejas protestantes ou da Reforma, mas também as versões católicas da Bíblia têm os livros na seguinte seqüência: Evangelhos; At; Paulo; Hb; cartas católicas e Ap. Essa seqüência dos livros foi assumida pela maioria das edições gregas do NT e por todas as tradições eclesiásticas em línguas ocidentais. Lutero alterou a seqüência dos livros, mais precisamente os últimos quatro na sua contagem, por razões hermenêuticas-teológicas, pois ele os considerava de valor inferior aos outros livros.⁸

2. A estrutura ou “lógica” interna do NT

Entre a estrutura externa e interna do NT existe um nexo teológico a ser considerado. Isto é, a estrutura externa reflete uma estrutura teológica interna que, no nosso modo de entender, tem implicações para a compreensão do próprio NT e, daí decorrente, para a visão e compreensão de *comunidade cristã* e para a maneira como o *ministério cristão é exercido* hoje; ministério em sentido lato da palavra. Trata-se de uma estrutura teológica interna nem sempre vista e levada em consideração, tanto no âmbito da produção teológico-literária quanto na esfera empírica do exercício da

6 Cf. Werner G. KÜMMEL. *Bibel. II. Neues Testament*. In: RGG, vol. 1, col. 1130; D. A. CARSON et. al. *Introdução ao Novo Testamento*, p. 549.

7 Cf. Merril TENNEY. *O Novo Testamento Sua Origem e Análise*, p. 436-437.

8 Em relação aos 4 últimos livros do NT, Lutero se pronunciou dizendo que eles não fazem parte das “retas e certas partes principais do NT (...) “antigamente tinham uma outra reputação” [“*rechten gewissen Hauptstücken des NT*” (...) “*vor Zeiten ein ander Ansehen gehabt haben*”]. Lutero, apud Werner G. KÜMMEL, op. cit., col. 1130.

“cura d’alma”(poimênica). Não reconhecer ou não considerar a lógica interna do NT aumenta os riscos de “arbitrariedade” e “fragmentação” interpretativas do mesmo. É necessário que, a seguir, dediquemos alguns momentos à estrutura ou lógica interna do NT e a ponderemos em conexão com a estrutura externa.

2.1 Mais uma vez, os “blocos literários” do NT

Tendo em vista os 27 livros do NT, é possível dividi-los de várias formas de acordo com os *modelos* e seus *respectivos blocos* literários maiores ou sua estrutura, como já foi evidenciado acima.⁹ Rebusquemos resumidamente os *modelos* com seus *respectivos blocos* e os desdobremos de maneira breve.

Modelo a) - Bloco 1: os *Evangelhos e Atos* formam, por assim dizer, a base histórica do povo escatológico de Deus. - *Bloco 2:* as *Cartas/Epístolas* formam a base doutrinária e ética desse povo escatológico. - *Bloco 3:* o *Apocalipse* forma, essencialmente, a base profética das perspectivas reais do povo de Deus.

Modelo b) - Bloco 1: os *Evangelhos* retratam a vida e o ministério salvífico de Jesus de Nazaré – o Cristo de Deus e, por conseguinte, formam o fundamento indispensável do povo escatológico de Deus – da ἐκκλησία τοῦ Θεοῦ (*igreja de Deus*). - *Bloco 2:* o livro de *Atos* narra o surgimento das comunidades cristãs primitivas após pentecostes (que é a ἐκκλησία τοῦ Θεοῦ) como a gênese do novo povo de Deus – o povo escatológico de todos os tempos, composto de judeus e gentios. Esse bloco também pode ser caracterizado como o testemunho mais evangelístico e missionário do ministério cristão. - *Bloco 3:* as *Cartas/Epístolas* deixam transparecer algo da vida ou realidade nas comunidades cristãs primitivas. Nesse caso, o livro de *Atos* poderia ser visto como elo que liga os *Evangelhos* às *Cartas/Epístolas* e vice-versa. - *Bloco 4:* o *Apocalipse de João* poderia ser considerado como o livro por excelência que mostra a quem pertence o futuro - ao *Trino Deus*; ELE habitará entre seu povo (Ap 21.3). Esses modelos ou formas de estruturar o NT têm sua razão de ser e podem ser um auxílio na compreensão e sentido do NT¹⁰, também para hoje.

2.2 A relação entre estrutura externa e interna dos livros do NT

A ordem cronológica dos escritos do NT pertence à estrutura interna do mesmo¹¹, ao passo que a sequência atual dos livros do NT pertence à

9 Cf. acima o item II.1.

10 Obviamente, cada um destes *modelos estruturais* implica riscos de vícios de interpretação, principalmente quando um deles é postulado como chave hermenêutica.

11 Cf. acima o item II.1, **Modelo b**, *Bloco 4*.

estrutura externa, que de forma alguma é secundária, antes pelo contrário.

Em macro ou termos gerais¹² temos a seguinte ordem cronológica:

a) As cartas: as primeiras delas datam aproximadamente de 50/51 d.C.
b) Os evangelhos sinóticos: eles datam de aproximadamente (!) 60-70 d.C.
c) Atos: a data da redação do livro de Atos é incerta; na pesquisa, até hoje, não há consenso. Em todos os casos, o livro é posterior às grandes cartas teológicas de Paulo (Gl; Rm e outras).
d) Apocalipse: este livro provavelmente foi escrito entre 95 e 100 d.C. Evidentemente, aqui há uma série de questões abertas.¹³ Para nossa abordagem, o relevante não é a precisão absoluta da redação de cada escrito do NT, mas, sim, de um modo macro e geral a sequência cronológica e sua ordem no NT. Observando a ordem cronológica acima brevemente mencionada, constata-se uma inversão dessa ordem entre os dois primeiros grandes blocos literários: as cartas e os evangelhos (sinóticos), inclusive o livro de Atos.

Evidentemente surge a pergunta: por que o bloco Mateus até Atos é colocado antes das cartas, se foi escrito depois delas? Isso tem uma razão teológica profunda para a compreensão do NT. Vejamos: quem lê o livro de Atos até o cap. 20(21)¹⁴, pode estar sob a impressão de ver somente uma igreja viva, dotada de dons do Espírito Santo (cf. também 1Co12). Onde o Espírito Santo sopra, ali há vida (= sinais e prodígios), crescimento, igreja missionária, sacerdócio de todos os crentes, viva esperança e ardente expectativa pela *παρουσία* (= vinda / presença) do Senhor. Sem dúvida! E se hoje lermos o livro de Atos ou os Evangelhos, as Cartas ou o Apocalipse isoladamente, isto é, fora do seu contexto primário e maior, teremos não só uma impressão unilateral, mas também uma imagem distorcida da realidade da igreja cristã primitiva. Seria melhor falar de *comunidades cristãs primitivas*. O conjunto dos escritos do NT não reflete uma *igreja cristã uniforme* nem de todo “unida”.

É preciso lembrar que o NT não é uma espécie de *pára-quedas literário celestial* com uma doutrina atemporal ou em nada circunstancial. Ao contrário, o NT tem endereço e destinatário concretos, que é – em primeiro lugar, não somente, é óbvio – o povo de Deus do séc. I d.C. Os Evangelhos constituem a base ou o fundamento do NT ou do novo povo de

12 Tem-se plena consciência da dificuldade de datação de uma série de livros do NT, por isso usa-se a expressão *em macro ou termos gerais*.

13 Ao menos parte das cartas pertence ao bloco literário mais antigo do NT. No que diz respeito à data da redação dos evangelhos sinóticos, deve-se observar que é muito provável que tenha havido *blocos transmissivos escritos* muito antes da redação final de cada relato do evangelho. O evangelho de João e as três cartas de João são uma questão ainda à parte e aberta. Na pesquisa ressurgiu a discussão em torno dos destinatários destes escritos: Onde localizá-los - na Ásia Menor ou na Galiléia ou ainda em outro lugar?

14 At 21 relata a prisão de Paulo.

Deus. No livro de Atos, temos aspectos do surgimento desse povo, edificado sobre essa base (cf. 1Co 3.11; Ef 2.20). As cartas, por sua vez, refletem um pouco da vida bem concreta do povo de Deus e do ministério exercido entre esse povo.¹⁵ Basta um pouco de atenção e logo percebemos: aqui não há só Espírito Santo e verdade, mas há também problemas assustadores. Por exemplo, em Corinto registramos a existência de partidos religiosos que ameaçavam dividir a comunidade, litígios entre irmãos na fé, aspectos éticos duvidosos, egoísmo e abuso dos dons espirituais, etc. (cf. 1Co 1.10ss; 3.1ss; 5.1ss; 6.1ss; 8.1ss; 11.27ss e outros textos). E mesmo dentro do livro de Atos, muito cedo, são registrados problemas sérios (cf. At 5.1ss; 6.1ss; 15). Inclusive no berço do novo povo escatológico de Deus, o *grupo dos doze discípulos*, há sinais de queda do ser humano: Pedro, na sua autoconfiança e arrogância (cf. Mt 16.22-23; 26.31-35); Judas, em seu oportunismo de tirar vantagem da situação (cf. Mc 14.10-11); discípulos (apóstolos), que aspiram os melhores lugares no Reino de Deus, obviamente em detrimento dos outros (cf. Mc 10.35ss; Lc 22.24; etc.).

Foi a realidade bem concreta do povo de Deus, a vida no cotidiano, que levantou sérios questionamentos em relação à base deste novo povo escatológico de Deus: qual é a base desse povo, como ele surgiu e para onde ele caminha? Será que esse povo tem futuro ou ele experimentará sorte semelhante à do povo da antiga aliança? A quem pertence o futuro - ao Deus vivo ou ao *παντοκράτωρ* (= supremo-regente) deste século? Os livros do NT respondem, em boa medida, a indagações dessa natureza.

Levando esse panorama em consideração, o NT não é em primeiro lugar um escrito doutrinário-dogmático atemporal nem um manual técnico-pragmático, mas é orientação teológica dentro de circunstâncias muito específicas e concretas do povo de Deus do séc. I d.C. Dessa maneira, o NT deve ser visto e lido por nós, para então e a partir daí, iluminados pelo Espírito Santo de Deus, ouvirmos a voz de Deus hoje em meio a tantas vozes que disputam nosso interesse e atenção.

O recém exposto tem implicações para a compreensão do NT e a visão de ministério que exercemos ou aspiramos. Devemos perguntar: como lemos o NT (a Bíblia toda)? Tomemos como exemplo o livro de Atos. Se o lermos apenas como manual de doutrina sobre uma série de assuntos relativos ao povo de Deus, então é óbvio que esse tipo de leitura fomentará expectativas em torno de um *ideal: a comunidade-modelo*. E, ao mesmo tempo, esse tipo de leitura é portador do embrião de frustrações, pois quem é idealista não enxerga o realismo bíblico de *ἐκκλησία* tal qual ele é retratado nas páginas da Bíblia, especialmente nas cartas do NT.

15 Cf. acima o início da abordagem do item II.2.1.

III. A IGREJA CRISTÃ PRIMITIVA E OS ESCRITOS NORMATIVOS

Como mencionado, a “igreja cristã primitiva” encontrava-se diante de problemas sérios. Problemas estes que requeriam respostas cabíveis, isto é, respostas à altura da seriedade dos problemas, e dado o fato de já no período neotestamentário ter havido a circulação de novos escritos ou livros que não fossem os que hoje compõem o NT, isso fez com que a igreja cristã se posicionasse de forma mais concreta e definitiva, delineando ou delimitando seus escritos normativos. Realmente, os problemas reais e não virtuais ou artificialmente articulados e criados a partir do púlpito, requerem mais do que *experiência carismática* no sentido do uso hodierno da expressão. Eles requerem referências que estejam acima da oscilação das experiências subjetivas e da limitação da razão humana. Trata-se da questão do cânone ou da Bíblia da igreja cristã.

1. A Bíblia da igreja cristã primitiva

Qual era a Bíblia da igreja cristã primitiva, inclusive dos doze apóstolos, de Paulo e do próprio Senhor Jesus? Às vezes, são usadas passagens como 2Tm 3.14-16, especialmente o v. 16 e 2Pe 1.19-21 para se referir à Bíblia como um todo (=AT e NT). O que os referidos textos deixam transparecer é que a igreja cristã tinha uma ou sua “Bíblia”. O que era essa *Bíblia*? Uma resposta genérica diria o AT, o que a princípio também é certo. Dito isto, pode-se acrescentar, também de forma genérica: a Bíblia dos Judeus era também a Bíblia dos cristãos; ou: a Bíblia da igreja cristã consistia dos escritos sagrados judeus. Mas, ao se afirmar isso, imediatamente surgem perguntas, tais como: *que AT?* Ou: *o que era o AT?* Tratava-se da *versão hebraica do AT* (=TM) ou da *versão grega do AT* (=LXX)¹⁶?

Portanto: o que era o AT no período neotestamentário (séc. I d.C.)? Nesse período, ainda não se pode falar de um AT formado em termos atuais, mas apenas de uma *Bíblia judaica* (=AT) *em formação*, i. é, um texto aberto, que podemos resumir nos seguintes blocos literários:¹⁷

1. Bloco: A Tora (= Lei). A Tora foi o primeiro bloco transmissivo a se cristalizar como escrito normativo. Ele é composto pelos livros de Gênesis até Deuteronômio ou Josué, conhecido como *Pentateuco* ou *Hexateuco*. A

16 TM é a abreviação de *texto massorético*. LXX é a abreviação de *Septuaginta*; cf. Hugo SCHLESINGER. *Pequeno Vocabulário do Judaísmo*, p. 38-39, 158-159.

17 Cf. Werner H. SCHIMIDT. *Introdução ao Antigo Testamento*, p. 12-16; W. G. KÜMMEL, op. cit., col. 1125ss.

canonização da Tora ocorreu nos séc. VI-IV a.C. No tempo de Esdras (= ca. de 538 a.C.), no contexto da amarga experiência e do retorno do exílio babilônico, a *Tora* adquiriu um alto valor para o povo judeu, tornando-se uma espécie de santuário *portátil* (templo móvel), talvez a exemplo da *Arca da Aliança* antes da construção do templo em Jerusalém. Nesse contexto, a *Tora* adquiriu o status de *escrito normativo* para os judeus.

2. Bloco: Os *Nebiim/neviim* (= Profetas). Na tradição hebraica, os *Nebiim* incluem também os antigos livros históricos, (= Js; Jz; 1-2Rs). Esse bloco transmissivo aos poucos assumiu caráter de *grandeza própria* ao lado da Tora. Como tal cristalizou-se no séc. III a.C., período classificado como *o fim da era profética*¹⁸.

3. Bloco: Os *Ketubim/Ketuvim* (= Escrituras, Escritos). Estes se tornaram conhecidos ou foram denominados também de *ιε'ρά βιβλίοι* ou *ἁγιογράφοι* (= *livros sagrados* ou *escritos santos*). Esse bloco transmissivo compreende os Sl; Jó; Pv; Rt; Ct; Ec; Lm; Dn; Ed; Ne; Cr. É nessa seqüência que encontramos esses livros na Bíblia Hebraica. Importante é mencionar que os *Ketubim/Ketuvim* eram um bloco não concluído no período neotestamentário, mas constituía um corpo literário aberto; em formação.¹⁹

Somente depois da destruição de Jerusalém, em 70 d.C., por ocasião da tentativa de reorganizar o estado judaico é que o AT foi concluído como cânone do povo judeu.²⁰ Antes disso, os *apócrifos* e outros escritos pertenciam aos *Ketubim/Ketuvim*. Aliás, a LXX até hoje contém os *apócrifos*. E certamente a LXX era a Bíblia de Paulo. Dessa maneira, não deve causar estranheza se encontrarmos uma referência ou citação escriturística de um texto apócrifo.²¹ Nos últimos séculos a.C., havia uma proliferação grande de escritos religiosos que circulavam entre os judeus fiéis.²² Concluindo, é possível dizer que o AT como livro canônico só foi

18 Se isso de fato era assim é uma outra questão.

19 No NT os três *blocos literários transmissivos* são mencionados; cf. Mt 5.17 e 7.12 (= *Lei e Profetas*); Lc 24.27 (= *Moisés, todos os profetas, todas as Escrituras*); Lc 24.44 (= *Lei, Profetas, Salmos*). Dentro dos *Ketubim* os Salmos adquirem quase que um *status próprio de cânone*.

20 Cf. Aage BENTZEN. *Introdução ao Antigo Testamento*, vol. 1, p. 36ss.

21 Cf. Lc 4.16ss onde Jesus cita o AT; cf. também 1Co2.9; 2Co3.7ss; cf. ainda Werner H. SCHMIDT, op. cit., p. 15.

22 Cf. Leonard ROST. *Introdução aos Livros Apócrifos e Pseudepígrafos do Antigo Testamento e aos Manuscritos de Qumran*. Cf. também a história da própria LXX. In: LXX, p. LXIss. Na verdade nunca houve uma *canonização da LXX* como escrito normativo para os judeus. Aliás, houve inclusive várias resenhas da LXX; cf. Hae-Kyung CHANG. *Die Knechtschaft und befreiung der Schöpfung. Eine exegetische Untersuchung zum Röm. 8,19-22*, p. 198ss.

concluído depois da formação dos principais escritos do NT.²³ No *culto sinagagal* encontravam-se reflexos desses blocos literário-transmissivos (cf. Lc 4.16ss).²⁴

2. Um novo cânone para a igreja cristã primitiva

Se a LXX era Bíblia da igreja cristã primitiva - e disso não há dúvida -, então surgem algumas perguntas: a) Por que um *novo cânone*? A expressão *novo cânone* não é muito precisa, pois na verdade não se tratou de um cânone completamente novo, mas mais precisamente de um *complemento* ou *acréscimo canônico*. O NT é acrescentado ao AT. Com isso surge outra pergunta: b) Como fica a *relação entre a LXX como Bíblia e o Novo Testamento*? Ou simplesmente: que relação existe entre o AT e o NT? Essa segunda pergunta convencionalmente foi respondida da seguinte maneira: o AT é essencialmente *promessa*, que aponta para o NT. E o NT, por sua vez, é essencialmente *cumprimento da(s) promessa(s)* do AT. E de fato, existe esse aspecto *promessa-cumprimento* entre AT e NT.²⁵

A tônica, porém, ou essência que determina a relação entre AT e NT não é o aspecto promessa-cumprimento. Nesse caso ou se assim fosse, então Marcião teria razão e nós, se ficassemos ainda com o AT, seríamos ingênuos, pois que sentido teria ficar com a promessa enquanto que na realidade o cumprimento dela/e já ocorreu. Alguém poderia indagar e dizer: ficamos com o AT, porque nele há promessas que ainda não se cumpriram, e aguardamos seu cumprimento. Sem dúvida, existem promessas do AT ainda não cumpridas. Mas a relação (e correspondência) entre AT e NT é essencialmente outra: é mais preciso falar de uma *primeira e uma segunda parte de uma única e mesma história: é a história de salvação que Deus efetuou e efetua*. AT e NT se distinguem um do outro, mas não são separáveis, sob pena de perda do todo desta história.²⁶

Para a igreja cristã existe somente um cânone composto de duas partes que estão em relação recíproca: uma parte só é compreensível a partir da outra ou na sua relação com ela. Por conseguinte, seria melhor não falar

23 Cf. Peter STUHLMACHER. *Biblische Theologie des Neuen Testaments*, vol. 1, p. 6-7.

24 O *culto sinagagal* compreendia essencialmente dois modelos bem demarcados ou distintos: **1. Recitação da ou do Shemá e a Tefilá**, em especial o Shemoné Ersé (=oração das 18 bênçãos), que era a principal oração. **2. Lectio da Escritura**, composta de dois momentos ou duas perícopes: **a) Tora; b) Haftará** (=conclusão), que era um trecho dos *Nebiim / Nebiim*, acompanhado de uma *prédica*, i. é, de uma explicação ou aplicação; cf. H. SCHLESINGER, op. cit., p. 98, 234-236, 256-258; H. L. STRACK & P. BILLERBECK. *Kommentar zum Neuen Testament aus Talmud und Midrasch*, vol. IV/1, p. 153ss.

25 Cf. Lc 4.16ss; 24.27,44; At 2; 1Co 15.1ss; e outros textos.

26 O menosprezo ou mesmo a indiferença em relação ao AT que se nota aqui e acolá é um sinal de alerta.

de *teologia do AT* e *teologia do NT*, mas falar de *teologia bíblica*; talvez de *teologia bíblica do AT e do NT*. A partir dessa perspectiva, os escritos do NT não constituem apenas um *Traditionskontinuum* (continuidade de tradição), mas também uma *Bekanntniskontinuität* (continuidade de confissão) entre o NT e o AT. A *teocentricidade do NT* é expressão clara dessa relação entre as duas partes da Bíblia.²⁷ Algumas obras literárias significativas, publicadas nos últimos anos, apontam nesta direção; trata-se das obras de Hans Hübner e Peter Stuhlmacher.²⁸ Isso é elogiável. De fato, Hübner e Stuhlmacher, principalmente o último, quer(em) colocar sinais de mudança de rumo. Caso essas obras encontrem espaço na bibliografia teológica, poderão servir de corretivo de uma longa tradição muito unilateral na interpretação bíblica.

2.1 Causas de um novo cânone

Desde quando a LXX e escritos neotestamentários estavam lado a lado como escritos normativos? Não devemos pensar que os livros do NT, logo que surgiram, estiveram em pé de igualdade com a LXX ou que logo adquiriram *status canonicus*. Por exemplo, Paulo não escreveu nenhuma carta com o propósito de ser um princípio normativo para a igreja cristã de todos os tempos. Os escritos neotestamentários adquiriram status normativo aos poucos. Podemos falar de um processo gradativo que causou ou exigiu o *novo cânone*.

2.1.1 Causas internas

Obviamente um *novo cânone* não surge de uma hora para a outra. Normalmente há uma longa história por detrás de um *evento literário* dessa natureza. Realmente houve várias causas que gradativamente contribuíram para a formação de um *novo cânone*. As principais delas podem ser sintetizadas nos seguintes termos.

2.1.1.1 A posição de Jesus diante das Sagradas Escrituras

Aqui temos uma primeira causa que transforma os escritos neotestamentários em escritos normativos. Jesus teve uma *postura livre diante das Escrituras*. Apesar de ELE não só ter reconhecido e confirmado a Lei e os profetas, mas de também os ter radicalizado²⁹, Jesus assumiu uma atitude de autoridade acima das Escrituras. ELE *decidia* o que de fato retratava a vontade de Deus dentre aquilo que é transmitido nas Escrituras.

27 Cf. Peter STUHLMACHER, op. cit., p. 8.

28 Cf. as obras de P. Stuhlmacher. *Biblische Theologie des Neuen Testaments*, 2 volumes e Hans HÜBNER. *Biblische Theologie des Neuen Testaments*, 3 volumes. Neste contexto Hans-Joachim KRAUS. *Die Biblische Theologie. Geschichte und Problematik*, deve ser lembrado.

29 Cf. Mt 5.17,21ss, 27ss, 33ss, 38ss; 7.12; Mc 10.1ss; e o.

Dito com outras palavras: a postura de Jesus diante das Escrituras tem um *componente crítico*. Jesus as vê a partir da autoridade que seu *Pai Celeste* lhe conferiu³⁰, e destacou novamente qual era a vontade de Deus originalmente, quando as Escrituras (do AT) foram dadas ao povo de Deus.

2.1.1.2 A posição dos apóstolos diante das Sagradas Escrituras, especialmente Paulo

Em Paulo podemos ver, a princípio, uma postura semelhante à de Jesus diante das Escrituras. Paulo não só reconheceu a LXX, mas ele até era capaz de dizer *como está escrito* e em seguida citar um texto que dificilmente se encontra no AT hoje; no máximo tem alusões leves a vários textos ou é uma combinação livre deles.³¹ Além disso, percebe-se nas cartas paulinas que, ao lado das Escrituras como autoridade, aparecem *palavras do Senhor* como autoridade.³² Dessa forma, surgiu uma *nova norma* que estaria acima da *antiga norma* das Escrituras judaico-cristãs. De princípio ela ainda não estava definida em termos de um *corpo literário*, mas, na realidade, ela já existia e poderíamos chamá-la de *norma oralmente transmitida*, no caso específico, a *Palavra do Senhor Jesus Cristo*.

Aos poucos, surgiu ao lado dessa nova norma oralmente transmitida uma *segunda norma* – a *autoridade do apóstolo do Senhor*.³³ Concretamente, o Senhor e seu apóstolo são *normas vivas* ao lado das Escrituras e até acima destas, pois eles são intérpretes normativos delas. Isso não significa que Paulo tivesse intencionado igualar suas cartas às Escrituras. Mas, na prática, isso aconteceu, por causa do uso dessas cartas nas comunidades cristãs primitivas. Os demais apóstolos e os primeiros cristãos assumiram uma postura semelhante à postura de Paulo.³⁴

Concluindo esse tópico, pode-se dizer que a *autoridade do Senhor* aparece ao lado da norma das Escrituras³⁵ e simultaneamente a *palavra dos apóstolos* adquire *status de autoridade*. A autoridade normativa dos apóstolos se manifesta principalmente na *paráclisis e parénesis*.³⁶ Aqui se evidencia o que é *tradição viva do Senhor e voz dos autores do NT*, cujo conteúdo reivindica autoridade e sem a qual nenhuma comunidade

30 Cf. Mc 2.23-28; e o.

31 Cf. 1Co 2.9; cf. também Hans CONZELMANN. *Der erste Brief an die Korinther*, p. 88.

32 Cf. 1Ts 4.15; 1Co 7.10/9.14.

33 Cf. Werner G KÜMMEL, op. cit., col. 1131.

34 Cf. Hb 8.13; At 17.2-3; 2Tm 3.14-16; Jo 10.35-36.

35 Cf. At 20.35, que remete a uma *Palavra do Senhor* que não encontramos literalmente no NT; cf. também Ap 2-3.

36 Cf. Anton GRABNER-HAIDER. *Paraklese und Eschatologie bei Paulus* (as mais diversas abordagens e páginas).

sobrevive por muito tempo. É uma ilusão, arrogância espiritual e tentativa de suicídio teológico apostar na queda da tradição nos termos bíblicos do seu significado ou sua função, por princípio. Portanto, nos séculos I (e II) d.C. teríamos a *tradição escrita* (= *Lei, Profetas, Escritos*) e a *tradição oral* (= *Palavras do Senhor e dos apóstolos*)³⁷, diante das quais não há como se manter à distância ou neutro, ao menos não aquele que quer ouvir e entender seu conteúdo teológico como a *verdade*.³⁸

2.1.1.3 As necessidades das comunidades cristãs

A igreja cristã primitiva encontrava-se diante de desafios de ordem interna. Hoje nós talvez diríamos problemas de ordem *espiritual*: ela necessitava de orientação clara e de continuidade. *Parece que a história se repete*: em muitos sentidos a realidade da(s) igreja(s) daquela época era muito parecida com a realidade da(s) igreja(s) de hoje. A pergunta para nós é se somos tão sábios como a igreja cristã primitiva foi no seu tempo?

No tempo da igreja cristã primitiva, não havia somente o *cânone cristão* (= LXX + tradição oral + alguns escritos dos apóstolos), mas havia um amplo universo de outros escritos e de tradição oral que os cristãos absorviam. Esses escritos e sua interpretação (= tradição oral) *ditavam* cada vez mais o que servia de referencial de fé e de ética. Isso ocorria com muito mais frequência do que se imaginava. Como hoje, também naquela época as Escrituras serviam para sustentar e/ou subsidiar o que os outros escritos - hoje livros - diziam. As Escrituras não necessariamente serviam de critério de avaliação. Ao lado do *cânone oficial* existia o *cânone extra-oficial* muito eficiente (= outros escritos e tradições), talvez ou, o que é mais provável, sem que isso fosse pretendido e percebido. Hoje não é diferente tanto na teologia sistemática quanto prática. Isso pode ser ilustrado a partir da compreensão que se tem de ministério cristão, eclesiologia sadia, “correto uso dos sacramentos”, sermões responsáveis, ética sadia, cultura e assim por diante.

Quantas vezes a Bíblia serve muito mais para legitimar nossa compreensão e prática do que como *norma corretiva* destas. Ou seja: Jesus Cristo e a Bíblia são vistos fortemente a partir do *cânone extra-oficial* e muito efetivo, que é a nossa tradição, compreensão dos valores e das preferências que nos determinam. O processo inverso poucas vezes é verdadeiro. Visto desse ângulo, a igreja cristã primitiva teve muita coragem ao buscar o *novo cânone*, pois este representou uma *autocrítica*, porque com esse gesto a igreja cristã submeteu seus escritos e suas tradições em termos amplos aos

³⁷ A palavra grega para *tradição* é *παράδοσις*. Tradição em si mesma ela não tem nenhuma conotação negativa.

³⁸ Cf. P. STUHLMACHER, op. cit., p.3ss.

*escritos normativos antigos (= LXX) e novos. Poderíamos falar de uma primeira edição bíblica da igreja cristã.*³⁹ Vejamos alguns desafios internos concretos daquela época:

a) A circulação de escritos além dos 27 livros do NT. Como já foi mencionado acima, os 27 livros que hoje compõem o NT não são a soma de todos os escritos que circulavam nos primeiros (dois) séculos da igreja cristã.⁴⁰ Lc 1.1-4 deixa transparecer a tentativa de escrever uma *crônica cristã*. Pode-se perguntar: Lucas tem feito isso apenas com o evangelho ou não seria o livro de *Atos* também um *produto literário final* de uma *tentativa lucânica* para *ordenar* o quanto possível a *diversidade do material transmissivo* (escrito e oral)? Ao menos deveríamos considerar essa possibilidade, sem ignorar seu caráter hipotético que dificilmente poderá ser comprovado, nem contestado.⁴¹ Também deveríamos estar atentos ao fato de não possuímos nenhum atestado sobre qualquer *atividade literária* dos demais apóstolos, exceto Pedro e João. Ademais, existe toda uma gama de literatura cristã extra canônica do final de séc. I d.C.⁴²

Devemos ter consciência de que a leitura desses escritos teve seus efeitos nas comunidades da igreja cristã primitiva. Estas não estavam imunes a eles nem isentas deles. Nesses escritos havia informações não só diversificadas, mas até desencontradas e contraditórias, com enorme potencial para causar *confusão* e *divisão* internas. O ideal de uma igreja cristã primitiva uniforme e unida, em todos os sentidos, que hoje muitas vezes se desenha ou almeja, não existiu dessa maneira.⁴³ E dentro desse contexto e realidade encontramos a razão, necessidade e o sentido dos *credos cristãos*, como: *Κύριος Ἰησοῦς* (= Jesus é o Senhor). À vista de outros senhores, a confissão primitiva (= primeira) – *Jesus é o Senhor*,

39 Obviamente, com o *novo cânone* a necessidade e o risco da interpretação ainda permaneciam como permanecem até hoje. Dessa tarefa e desse risco ninguém foge.

40 1Co 5.9; 2Co 2.4; Cl 4.16 fazem referência a cartas de Paulo que não estão no NT. Desconhecemos a razão disso. Pode ter sido o extravio ou a não aceitação destas cartas nas comunidades. Além disso, cf. Lc 1.1-4; Jo 20.30-31; 21.25; 2Ts 2.2.2.

41 Neste caso, teríamos uma *explicação razoável* para as diferenças entre At e as epístolas neotestamentárias, principalmente no que diz respeito à vida e ministério de Paulo. Ao menos parte do material de Atos poder-se-ia encaixar aqui. Cf. também Martin HENGEL. *Zur urchristlichen Geschichtsschreibung*.

42 Por exemplo: Pais apostólicos; cartas de despedida de Inácio de Antioquia; a Didaque, o pastor de Hermas. Este último foi escrito em torno de 140 d.C., a partir de Roma. Temos ainda fragmentos de apócrifos neotestamentários dentre os quais há projetos ou rascunhos de evangelhos, cartas apostólicas fingidas (cf. também 2Ts 2.1ss), apocalipses e atos dos apóstolos, secundários. Para isso cf. Alfred Schlindler (ed.). *APOKRYPHEN zum Alten und Neuen Testament*; Johannes Leipold & Walter Grundmann (eds.) *Umwelt des Urchristentums*, especialmente vol. 2.

43 Cf. At 5; 6; 15; 1Co; e o.

adquire sua relevância e impacto. Esse “núcleo de confissão” tornou-se o *signal distintivo* dos cristãos que poderia implicar exclusão social, inclusive a perda da vida dos que não abriam mão dessa confissão exclusiva.

b) A perda de referenciais vivos. Os anos 60-70 d.C. foram muito marcantes e difíceis para a igreja cristã: Paulo, Tiago - irmão do Senhor e Pedro sofreram martírio.⁴⁴ No mesmo tempo, os distúrbios da guerra judaica aumentaram. O templo de Jerusalém foi destruído, inclusive grande parte da cidade como um todo. As consequências (imediatas) não tardaram: a igreja cristã das origens teve que fugir do seu *berço maternal Jerusalém*.⁴⁵ Ela se transferiu para Pela, no leste do Jordão, onde ficou acuada. Para as outras comunidades cristãs, isso significou perda de liderança e orientação procedentes de Jerusalém, de onde o Evangelho partiu mundo afora.

É óbvio que nessa situação alterada, as comunidades cristãs careciam de nova orientação da tradição apostólica e da tradição a respeito de Jesus de Nazaré, até então cultivada em Jerusalém. É a partir dessa situação que devemos ler e compreender boa parte dos escritos do NT, principalmente os quatro relatos do Evangelho (Mt, Mc, Lc, Jo). Neste específico, os relatos do Evangelho têm a função de orientar a partir da base, sobre a qual é constituída a igreja cristã como um todo. Destaque especial merece a *obra dupla de Lucas (Lc e At)*. Essa obra é uma espécie de *programa de orientação dentro da tradição cristã* ou da *herança apostólica* que se baseia na obra redentora de Deus em Jesus Cristo como *continuidade da história de salvação* que o próprio Deus iniciou no AT com um povo (Israel) e agora visa todos os povos (veja a genealogia de Jesus registrada em Lc 3.23-37 e o “programa missionário” circunscrito em At 1.8). Perder essa herança seria um prejuízo teológico-espiritual irreparável.

Uma leitura comparativa entre as grandes cartas paulinas⁴⁶ com 1 e 2Tm e Tt ou uma leitura comparativa entre as três cartas de João e o relato do Evangelho de acordo com João evidencia uma preocupação em manter a tradição apostólica para as comunidades e de articulá-la de forma nova. Por outro lado, uma leitura de Hb, 2Pe, Jd e Ap deixa transparecer que a igreja cristã necessitava de orientação não só por causa do espaço de tempo cada vez maior entre o Jesus terreno e os primeiros apóstolos ou período apostólico, mas também e de forma cada vez mais acentuada por causa de separatistas e “outros apóstolos” que surgiram dentro das comunidades cristãs.⁴⁷ À vista dessas circunstâncias é compreensível que já no período

44 Tiago, irmão de João já tinha sido executado antes; cf. At 12.1ss.

45 Não se pode ignorar a importância de Jerusalém como *berço espiritual* nem os problemas daí decorrentes; cf. o livro de Atos.

46 Rm; 1 e 2Co (Gl; 1Ts).

47 Cf. grupos e partidos, tendências gnósticas. Estas últimas contribuíram significativamen-

apostólico (= séc. I d.C.) tenha ocorrido uma primeira coleção de escritos neotestamentários, principalmente do corpo epistolar Paulino.⁴⁸

2.1.2 Causas externas

Estas não são de somenos importância, mas juntamente com as causas internas reforçam o imperativo de se ter documentos normativos que transcendam os limites geográficos de comunidades locais. Vejamos algumas destas causas externas:

2.1.2.1 A postura da Sinagoga em relação aos cristãos

A Sinagoga se retrai e se concentra no *Cânone Massorético* (Masorético). Desde cedo, a relação entre cristãos e a(s) Sinagoga(s) sempre de novo causava tensões, tanto em Jerusalém quanto na diáspora.⁴⁹ As causas das tensões são várias e de forma alguma se pode culpar unilateralmente judeus (e judeus cristãos por isso). Na verdade, a igreja cristã deve muito ao Judaísmo e à Sinagoga. Como exemplos clássicos podem ser mencionados a LXX e o espaço que as Sinagogas ofereciam ou resguardavam aos primeiros cristãos e apóstolos. Mas no final do séc. I d.C., infelizmente, ocorreu uma ruptura definitiva entre o judaísmo e a igreja cristã.⁵⁰

Retornemos à postura da Sinagoga. Há dois fatos históricos marcantes que contribuíram para a delimitação do próprio cânone judaico:

a) A guerra judaica de 70 d.C. e a insurreição de Bar Coqueba de 135 d.C.⁵¹ Depois desses acontecimentos trágicos para o judaísmo, surgiram no seu interior discussões em torno da forma definitiva do cânone judaico (que hoje é conhecido como Antigo Testamento = AT). A nação judaica arrasada teve que se reorganizar e, ao mesmo tempo, tomar medidas preventivas contra duas frentes muito interligadas: a *primeira frente* são os zelotes ou zelotistas. Isto é, contra o zelo dos levantes políticos cegos contra Roma, que causaram as tragédias e a ruína do povo judeu; eles ao menos contribuíram significativamente para que isso acontecesse. A *segunda frente* é formada por escritos duvidosos contidos na própria LXX.

te para a formação de partidos e divisões, principalmente a partir do final do séc. I d.C. Cf. ainda 1Tm 6.20.

48 Por exemplo, 1 Clemente (= 95-96 d.C.) já menciona 1 e 2Co e Rm; cf. também 2Pe 3.16, que diz: *todas as suas epístolas*, referindo-se a Paulo, e acrescenta, *as demais Escrituras*.

49 Cf. At 10-11; 15; 20-28; Gl; Rm e o.

50 Cf. Peter STUHLMACHER. *Vom Verstehen des Neuen Testaments*, p. 38-39; id. *Biblische Theologie des Neuen Testaments*, vol. 1, p. 8-9; Walter GURNDMANN. *Die frühe Christenheit und ihre Schriften*, p. 17ss.

51 Cf. Gottfried BRAKEMEIER. *Mundo Contemporâneo do NT*, vol. 1, p. 79ss, 89ss; P. STUHLMACHER. *Vom verstehen des Neuen Testaments*, p. 38.

São aqueles escritos apócrifos que podiam incitar uma nova revolta política contra Roma.

b) O zelo pelo texto sagrado. Manter o *texto sagrado intacto* sempre foi uma preocupação do judaísmo, desde que este surgiu. E a preocupação com o texto sagrado se deve especialmente a dois fatores. O *primeiro* foi a *tradução livre da LXX*. Portanto, escritos apócrifos não só foram eliminados da LXX por motivos políticos seculares, mas porque, para escribas influentes, esta tradução da LXX comprometia o texto sagrado. O *segundo fator*⁵² foi que a LXX continha uma grande variedade de textos que os cristãos usavam para fundamentar sua fé em Jesus como o Messias. Para o povo judeu, isso era uma *fé herética*. Em virtude desses fatores, erudição judaica não só criou seu próprio cânone, porém, também produziu uma *nova versão grega do AT em substituição à LXX*.⁵³

Para as comunidades cristãs, isso representou uma realidade bastante alterada: o judaísmo, que durante muito tempo era o *berço* ou *sustentáculo da fé cristã*, especialmente no que dizia respeito à herança maior da tradição (= LXX= Bíblia cristã dos primórdios), distanciou-se gradativamente da *Bíblia cristã*, que até pouco tempo atrás havia considerado como inspirada. Em vez de falar de uma *nova versão grega do AT* que o judaísmo produziu, seria melhor falar de um *processo de traduções*, pois na verdade foram feitas várias traduções: **1) A tradução de Áquila** em torno de 128-130 d.C.; **2) A tradução de Teodócio (Teodorico)** em torno de 170 d.C. Teodócio não produziu um texto completamente novo, mas utilizou a LXX, comparou-a com o *texto original* e, possivelmente, também recorreu a um *proto-Teodócio*, e **3) A tradução de Símaco** em 170 d.C.⁵⁴

Essas traduções se concentravam cada vez mais no *cânone aramaico/hebraico* com seus 39 livros, e que finda com o livro do Daniel.⁵⁵ É evidente que tais medidas preventivas do judaísmo colocaram a igreja cristã diante da pergunta: qual é, afinal, a abrangência do cânone e sua forma lingüística correta? Com o aparecimento de cristãos gnósticos essa pergunta ficou ainda mais aguda.

52 Isto, todavia, aconteceu principalmente no séc. II d.C.; cf. H.-K. CHANG, op. cit., p. 200.

53 Cf. W. WIESE. *Manuscrito de Pré-Seminário de NT*, p. 10-13; *SEPTUAGINTA*. Alfred Rahlfs (ed.), p. XLI-XLVIII; cf. também H.-K. CHANG, op. cit., p. 198ss.

54 Cf. *SEPTUAGINTA*, p. XLV-XLVI; H.-K. CHANG, op. cit., p. 200.

55 Mais tarde, esse cânone tornou-se conhecido como *Cânone dos Massoretas*. As massoretas eram escribas ou eruditos judaicos preocupados com e empenhados na elaboração exata do texto do AT. Referente ao *Cânone Massorético* cf. Aage BENTZEN, op. cit., p. 29ss, 63ss.

2.1.2.2 A interpretação gnóstica e a rejeição do AT por parte de Marcião

No séc II d.C., cristãos gnósticos denegriram em muito a imagem do AT. Isso ocorreu acima de tudo por meio de uma interpretação negativa dos *primórdios da humanidade*, com base em *Gn 1-11*. Jahwe foi estigmatizado como o *Deus escravizador do ser humano*. Segundo eles, no relato da criação transparece um *deus inferior ao Deus verdadeiro*. Esse *deus inferior* tenta prender as pessoas a si mesmo, privando-as, dessa forma, da verdadeira salvação que é adquirida pela verdadeira gnose ou se exterioriza nela.

O clímax do menosprezo ao AT encontra-se em *Marcião*, que fundou sua própria igreja em 144 d.C. Houve quem classificasse o gnóstico Marcião como um *ultrapaulino*. Ele, primeiramente, pertencia à igreja cristã em Roma⁵⁶ e, naquela época, já tinha assumido uma postura de rejeição ao AT. Como era de se esperar, Marcião foi excomungado da igreja em Roma e conseqüentemente fundou sua própria igreja e, coerentemente com suas convicções, delimitou um *cânone próprio* para suas comunidades (igreja). A igreja de Marcião se expandiu rapidamente pelo Império Romano.⁵⁷

A postura e/ou influência de Marcião não ficou sem efeito nas comunidades cristãs que não aderiram a ele. Essas comunidades tiveram que rever sua posição diante do AT e, ao mesmo tempo, analisar se o *cânone de marcionita* de fato continha os únicos escritos da *nova aliança* que abonam a tradição da fé da igreja cristã. O efeito final de Marcião sobre as comunidades cristãs não aliadas a ele foi positivo, pois elas assumiram uma postura favorável ao AT. Em relação aos *novos escritos* (que formariam o nosso NT) as comunidades cristãs assumiram uma *postura inclusiva*, não exclusiva como Marcião, i. é, não limitaram o material da nova aliança à seleção de escritos paulinos.⁵⁸ Isso, todavia, não as livrou nem protegeu de problemas; surgiram novos e outros problemas.

2.1.2.3 A postura apocalíptico-entusiasta de Montano

Em meados do séc. II d.C. (ca. 157) aparece Montano, reivindicando ser ele mesmo, em pessoa, o *παράκλητος* (*consolador/advogado*) do qual Jesus falou no Evangelho de João. E como tal, ele anunciava o mais

⁵⁶ Talvez seria melhor dizer *a uma delas*, pois é muito provável que havia uma série de igrejas cristãs em Roma; cf. Peter LAMPE. *Die stadtrömischen Christen in den ersten beiden Jahrhunderten. Untersuchungen zur Sozialgeschichte*.

⁵⁷ O *cânone de Marcião* contém *parte de Lc*, com conotações antijudaicas; *10 cartas paulinas*, com as mesmas características. Obviamente, o próprio Marcião redigiu o texto destes escritos; às vezes de forma bastante arbitrária. Cf. p. STUHLMACHER *Vom Verstehen des Neuen Testaments*, p. 39-40.

⁵⁸ Cf. P. STUHLMACHER, op. cit., p. 40.

alto grau revelatório da fé cristã. O gnóstico insistia em proclamar o fim iminente do mundo e exigia uma ética correspondente à expectativa do fim. A Jerusalém celeste desceria em breve dos céus. As convicções proclamadas por Montano exerceram forte impacto sobre as comunidades e foi difícil se proteger e não se deixar contagiar pelas convicções dele. Na verdade, não se tratava de um fenômeno novo, mas de um fenômeno muito semelhante ao que o judaísmo já tinha experimentado antes.

E, à semelhança da liderança judaica, a igreja cristã agora teve que olhar atenciosamente todo material de escritos cristãos de caráter apocalíptico. O resultado foi que a maioria dos escritos cristãos com características apocalípticas não resistiu ao *processo seletivo crítico* colocado pela igreja cristã. A bem da verdade, temos no NT apenas um livro apocalíptico – o *Apocalipse de João*; temos, é verdade, uma série de textos mais breves ou longos com nítidas características apocalípticas, p. ex., Mc 13 e paralelos, 1Co 15.20-28 e muitos outros.

De qualquer maneira, com isso estavam configuradas as causas e a necessidade da formação do *Cânone do NT*. O processo histórico externo até à conclusão do cânone ainda era uma longa caminhada, que não pode ser discutida aqui.⁵⁹ E quanto aos detalhes do processo de delimitação e formalização de cânone do NT, ficam muitas dúvidas. A participação ativa da igreja cristã neste processo todo é inegável. Contudo, não se pode dizer que a igreja cristã dos primeiros séculos d.C. tenha delimitado o NT do seu jeito e de maneira arbitrária. Concordamos com Stuhlmacher, que a igreja cristã apenas constatou e confirmou o que hoje chamamos de NT, num processo de preservar o original e, dessa forma, delimitar o cânone contra elementos secundários e estranhos.⁶⁰

À vista do acima exposto em relação aos motivos que levaram o judaísmo a delimitar seu cânone e à vista do fato de a LXX ter sido a Bíblia cristã durante muito tempo, inclusive dos apóstolos, especialmente a Bíblia de Paulo, fica a pergunta no ar: por que motivo a igreja cristã, principalmente a partir da Reforma Protestante do séc. XVI, adotou o *cânone massorético* como primeira parte da sua Bíblia? Ou: por que os escritos apócrifos não foram incluídos na Bíblia cristã? A história da Bíblia - tanto do AT quanto do NT - é também a história ou tem a ver com a história dos problemas e das questões literárias, em especial tem a ver com o processo transmissivo, oral e escrito. Aqui está inserida a questão crítica (de κρίνω ou κρίνειν =

59 Para tanto, cf. P. STUHLMACHER, op. cit., p.40-46; Werner G. KÜMMEL, op. cit., col. 1132-1138; Edward SCHWEIZER. *Theologische Einleitung in das Neue Testament*, p. 155-158; Werner G. KÜMMEL. *Introdução ao Novo Testamento*, p. 627ss; e o.

60 P. STUHLMACHER. *Biblische Theologie des Neuen Testaments*, vol. 1, p. 3; cf. mais detalhes nas p. 2-12.

separar, distinguir, daí selecionar, etc. Nesses termos, a Bíblia é fruto de leitura crítica) desse processo desde os primórdios das Sagradas Escrituras como tarefa do *leitor-intérprete*. Nas questões literárias, elementos históricos e confissão de fé estão muito intimamente ligados um ao outro e não deveriam ser colocados de forma excludente.

IV. O NOVO TESTAMENTO COMO PRODUTO LITERÁRIO E DOCUMENTO DE FÉ DA IGREJA CRISTÃ

1. Notas preliminares

Nesta terceira parte, pretende-se aprofundar um pouco mais as questões acima vislumbradas e perguntar *como se relacionam fé e teologia* ou *pesquisa científica e testemunho de fé*. Com esse assunto, entramos num momento novo da nossa abordagem que se dedica à *relação entre o Jesus histórico e o querigma cristão*, ou: Jesus de Nazaré – o Cristo, os relatos do Evangelho e a pregação cristã primitiva. O conteúdo do Evangelho, tal qual o temos hoje, tem a ver com seu “estado original” ou é, acima de tudo, fruto da produção humana, na qual a infiltração de interesses dos autores ou redatores finais das “versões” de Mt, Mc, Lc, Jo predomina? Teríamos no quádruplo testemunho do Evangelho, acima de tudo, a teologia de Mateus, Marcos, Lucas, João e/ou da igreja primitiva? Como a igreja cristã primitiva lidou com a tradição de Jesus?

O assim chamado *método histórico-crítico* (MHC)⁶¹ se propôs a esclarecer essas perguntas. Lembramos mais uma vez especialmente das *introduções científicas ao NT*, que se ocupam com essas questões e mencionamos nomes como o de Rudolf Bultmann, Martin Dibelius, Albert Schweitzer, Joachim Jeremias, entre outros mais, como pesquisadores assíduos dos assuntos ora levantados.

Esses pesquisadores chegaram a conclusões não só divergentes, mas até contraditórias sobre assuntos semelhantes.⁶² A. Schweitzer, por exemplo, conclui sua obra monumental dedicada à averiguação desses assuntos dizendo: “Este Jesus de Nazaré que apareceu com postura de messias (...) nunca existiu (...)”⁶³. Com outras palavras, isso significa: do Jesus histórico nada ou bem pouco podemos saber. Apenas sabemos que ele viveu, disse e fez algumas coisas e morreu, mas o que ele disse e fez

61 Cf. o artigo de Jorge Garbers sobre o MHC neste mesmo volume.

62 Cf. para tal P. STUHLMACHER. *Biblische Theologie des Neuen Testaments*, vol. 1, p15ss, 21ss.

63 Albert SCHWEIZER. *Die Geschichte der Leben-Jesu-Forschung*, vol. 2, p. 620ss.

não podemos mais saber nem é possível reconstituir por meio da pesquisa.⁶⁴ O MHC, por sua vez, via como tarefa e função específica sua trazer à tona o Jesus histórico, isto é, suas palavras e ações ou livrá-las dos mitos que as envolvem - assim bem especificamente Rudolf Bultmann.⁶⁵ De fato, a intenção do(s) autor(es) era muito boa; tratava-se de uma tarefa nobre. Os resultados, no entanto, eram e até hoje são altamente frustrantes.

Ainda que Schweitzer ou outro chegasse a uma conclusão como aquela acima mencionada, ele e outros pesquisadores diziam que a pesquisa histórica não pode abalar nem confirmar a (essência) da fé cristã. A fé cristã não interessam fatos históricos ou aquilo que realmente aconteceu com Jesus de Nazaré, mas para ela interessa o significado de Jesus Nazaré (hoje). E esse significado torna-se existencialmente relevante a partir do querigma cristão: o aqui e agora do desafio da mensagem cristã que nos (me) conclama à decisão por Jesus Cristo. O *καιρός* (tempo de), Deus, assim se diz, deve ser ouvido e entendido existencialmente.⁶⁶ Contrário a Bultmann e outros, Stuhlmacher, Jeremias e outros insistem no valor histórico do agir salvífico de Deus em Jesus Cristo para a fé cristã; ela – a fé – está inserida no ou é parte do agir histórico de Deus.⁶⁷

2. Os escritos NT, especialmente os Evangelhos à luz da pesquisa

De qualquer maneira, entre ministério, morte e ressurreição de Jesus Cristo e a redação final dos Evangelhos há um espaço de tempo considerável (= ca. 30 d.C. até 60/70 ou mais d.C.). O que aconteceu com as palavras de Jesus neste ínterim de trinta, quarenta ou mais anos? O que na verdade ainda são palavras genuínas de Jesus e o que a comunidade eventualmente modificou e quem sabe acrescentou ao longo desse tempo? Essas perguntas e outras mais foram e em parte ainda são tratadas e respondidas de maneiras bem diferentes na pesquisa. Por exemplo, pode-se apontar para a *leitura fundamentalista pragmática*; as *exegeses dogmático-eclesiástica e pneumática*; os *métodos histórico-bíblico, estruturalista*,

64 No que diz respeito à “reconstituição de textos originais” Schweitzer tem razão, pois isso é um empreendimento determinado em demasia por hipóteses que dificilmente fornecem provas materiais consistentes para fundamentar o que afirmam.

65 Cf. Rudolf BULTMANN. *Crer e compreender. Artigos selecionados*, in: Teologia Sistemática a-9. Walter Altmann (ed.); id. *Jesus Cristo e Mitologia*.

66 Cf. R. BULTMANN. *Crer e compreender*, p. 13ss; id. *Theologie des Neuen Testaments*, p. 1: “A pregação de Jesus faz parte das condições prévias da teologia do Novo Testamento e não é parte da mesma”; cf. também p. 2. Veja, sem falta, o artigo do professor Garbers na presente edição deste periódico.

67 Muito interessantes são as colocações de Stuhlmacher referente à ressurreição de Jesus; cf. Peter STUHLMACER. *Biblische Theologie des Neuen Testaments*, vol. 1, p.163ss. Cf. também Joachim JEREMIAS. *Teologia do Novo Testamento*, p. 13ss.

*histórico-crítico, a leitura sociológica e feminista, e outras leituras mais.*⁶⁸

As divisas entre essas leituras nem sempre são claras. Isso significa que uma leitura pode emprestar da outra elementos que lhe convém e omitir silenciosamente o que não é conveniente. E dentro dos próprios métodos há diferenças no procedimento e, por conseguinte, no produto final da leitura. Queremos enfatizar duas correntes da pesquisa “acadêmico-científica” empenhadas em aclarar o pano de fundo ou processo transmissivo dos escritos neotestamentários.

2.1. O método histórico-crítico⁶⁹

A princípio deve-se cuidar com a operação ou aplicação da palavra *método* a qualquer leitura bíblica que for, pois a partir da sua origem essa palavra significa a *trajetória percorrida para chegar ao alvo ou resultado*, isto é, *o caminho*. Essa expressão pode até adquirir conotações seteriológicas ou escatológicas. Falamos de método histórico-crítico, porque seus protagonistas fizeram valer essa terminologia para a leitura bíblica que fizeram. Diga-se que o *método histórico-crítico* parte da suspeita em relação ao objeto a ser analisado que, no nosso caso, seria o NT ou então a história como tal. O método histórico-crítico submete a história ao juízo da razão humana. Esse juízo não é neutro, mas parte de premissas que têm suas raízes histórico-filosóficas, especialmente no Iluminismo.⁷⁰

A *mola propulsora* ou o *núcleo do Iluminismo* é a *razão humana* ou a (extrema) confiança nela. O que a razão humana não consegue captar e explicar é motivo de suspeita e rotulado, talvez, de ignorância, superstição, mito, etc. O *conhecimento científico* e a *técnica* são vistos como *instrumentos de transformação do mundo e de melhoria progressiva das condições espirituais e materiais da humanidade*. Por conseguinte, tal conhecimento também é, assim se diz, desejável e útil em relação à Bíblia.⁷¹ Quando se fala da razão humana, no séc. XVIII, não se trata de uma razão

68 Cf. Gerhard MAIER. *Das Ende der historisch-kritischen Methode*; Hellmuth FREY. *Die Krise der Theologie*; Gerhard BERGMANN. *Alarm um die Bibel*; Uwe WEGNER. *Exegese do Novo Testamento. Manual de Metodologia*. Este último é um exercício sério e equilibrado, que reflete o usufruto de várias leituras, ainda que a preferência seja pelo método histórico-crítico; mas não é uma postura obcecada pelo método. Além das amplas informações, nisso está um dos méritos da obra de Uwe Wegner.

69 Cf. Martin VOLKMANN, et. Al. *Método histórico-crítico*; Karl-Heinz MICHEL. *Anfänge der Bibelkritik*.

70 No que diz respeito ao Iluminismo e sua influência sobre ou sua relação com a leitura bíblica, cf. K.-H. MICHEL, op. cit., p. 5-7; M. VOLKMANN, et. al., op. cit., p. 9ss, 26ss; cf. também o *deísmo inglês e iluminismo alemão*. Quanto ao *iluminismo* como tal, cf. Giovanni REALE – Dario ANTISERI. *História da Filosofia*, vol. 2, p. 667ss.

71 G. REALE – D. ANTISERI, op. cit., p. 670.

ilimitada e de um poder de idéias absolutas que estejam antes e acima de qualquer experiência e que manifestam a essência absoluta das coisas.

Tal conceito de razão predominava no séc. XVII. No séc. XVIII, a razão é *instrumentalizada*, ela se torna *uma forma determinada de aquisição* ou apreensão do objeto a ser analisado. A função básica da razão é *decompor* e então *compor* novamente. Com palavras de Reale – Antiseri podemos dizer que a razão decompõe os “últimos motivos da fé e da crença (...), tudo aquilo que se crê com base no testemunho da revelação, da tradição ou da autoridade e não descansa enquanto não decompõe tudo (...)”.⁷²

Na verdade, a questão não é tanto a razão como tal, mas muito mais a *razão condicionada pela experiência*. A *experiência limita e aprisiona a razão*. A partir da filosofia clássica, a razão humana era e é estimulada à criatividade, agora ela passa a ser analisada e fiscalizada pela experiência. Daí decorre que a *ciência exata* e/ou *empírica* assume a *primazia*, baseando-se na *física de Newton* como *modelo da razão iluminista*.⁷³ Essa *nova consciência iluminista* encampou praticamente todas as áreas do saber humano, inclusive e especialmente a teologia, cujos reflexos naquela época eram desastrosos e suas conseqüências estão encubadas (e proliferadas) nas premissas e na literatura teológica hodierna quais metástases de um tumor que tomam conta do organismo humano. O que precisa ser dito é que esse tipo de ciência é comparável a uma *camisa de força* que limita o saber e exclui tudo o que não se enquadra na “normalidade do saber científico” ou que apresenta quaisquer variações ou dinâmicas do saber e da vida.⁷⁴

Na área da teologia, entre outros nomes, queremos mencionar apenas Johann Salomo Semler (= 1725-1791) - considerado o *pai do método histórico-crítico* -, Hermann Samuel Raimarus (=1694-1768) e Ernst Troeltsch (=1865-1923). O *método histórico-crítico* pode ser sintetizado essencialmente em: 1. Crítica textual; 2. Crítica literária; 3. Crítica da forma e 4. Crítica da redação. Foi Troeltsch quem determinou fortemente a história da interpretação do NT, principalmente com sua teoria ou suas teses de *crítica, analogia, correlação e princípio da personalidade ou subjetividade*.⁷⁵

Vejamos algumas conseqüências da “assimilação irrestrita ou ingênua” desse método:⁷⁶

72 Id., p. 671.

73 Id., p. 670-672.

74 Cf. para tal Ruben ALVES. *Filosofia da Ciência. Introdução ao jogo e a suas regras*, p. 75ss, aqui especialmente p. 97-114.

75 Cf. P. STUHLMACHER. *Vom Verstehen des Neuen Testaments*, p. 24-26; M. VOLK-MANN, et. Al., op. cit., p. 60-63.

76 Limitamo-nos ao NT. Para o AT as conseqüências foram e são de maior abrangência

1) Conseqüências ou efeitos sobre o NT. A parte mais atingida do NT foi e são os quatro relatos do Evangelho; basta lembrar mais uma vez o *verdicto final* de A. Schweitzer em sua *Leben-Jesu-Forschung*. Acima de tudo, a historicidade dos relatos do Evangelho e o que isto envolve é colocado em xeque. Evidentemente, os outros escritos neotestamentários também foram atingidos, principalmente quanto à autoria e integridade. No que se refere à autoria, os escritos mais afetados são Ef; Cl (2Ts); 1-2Tm; Tt; Tg; 2Pe; e Jd. Não advogamos que não se deva abordar essas questões, pelo contrário. Questionamos apenas a “divulgação muito rápida de resultados científicos”.

Quanto à integridade dos escritos neotestamentários, principalmente do corpo epistolar, opera-se fortemente com hipóteses de divisão (*Teilungshypothesen*). Ou seja: parte-se da hipótese de que algumas cartas tais quais as que possuímos hoje, originalmente teriam sido várias cartas ou fragmentos epistolares, que mais tarde foram colecionados em um único escrito (= carta ou epístola) por razões que não conhecemos mais. Além disso, assim se pressupõe, deve-se contar com a *mão do redator final* das cartas em tempos tardios. O *ceticismo histórico* ou a suspeita em relação à história também reduziu o valor documental histórico do *livro de Atos*.⁷⁷

2) Conseqüências ou efeitos sobre o próprio sujeito do labor teológico. Aqui se pode falar de *reflexos* ou *efeitos de graus diferentes sobre objetos distintos*. O primeiro efeito recai sobre o *pesquisador primário*. Esse efeito se configura numa *insegurança* muito grande *entre os leitores “científicos” do NT*.⁷⁸ Dissecou-se e fragmentou-se o NT de tal forma que é necessário falar de um *labirinto teológico* pelo qual se caminha sem conhecer a saída dessa caminhada. O segundo efeito emerge diretamente do primeiro e incide sobre a *teologia* ou o *conteúdo da fé cristã como proposta de vida*. Os reflexos concretos disso são perceptíveis em larga escala nas *prospectivas e perspectivas do ser cristão* - da proposta cristã para o futuro cujos reflexos já se antecipam no presente, particularmente na esperança e, logo, na ética.

Não resta dúvida, fala-se muito de esperança, mas que esperança é essa? Em muitos casos, ela não passa de uma utopia “humanamente realizável” (ou também não) que se manifesta na ilusão, incerteza, confusão e pobreza escatológica reinante em nossos dias. Por fim, os reflexos normalmente se materializam na ética de onde confluem para a *teologia aplicada* com reflexos maiores ainda. Basta lembrar do vasto campo da *poimênica* (cura d’alma) ou do assim chamado *aconselhamento pastoral* ainda.

77 Cf. Günter BORNKAMM. *Bíblia*, p. 67-71.

78 Essa observação é extensiva ao AT.

ou *cristão*. *Poimênica* e *aconselhamento* praticamente se tornaram termos cambiáveis entre si.⁷⁹ Esse amplo campo da teologia sofre *invasões ilegítimas* das ciências humanas e auxiliares da teologia, que na prática e verdade às vezes não são mais auxiliares, mas assumem um *papel titular* na teologia. Ora, poimênica bíblico-teológica não é em primeiro lugar uma questão de estratégias e técnicas ou métodos, mas de *ἐξουσία* conferida (*poder e autoridade* dadas por Deus), que por sua vez está inseparavelmente ligada ao conteúdo da fé cristã.⁸⁰

O que acabamos de mencionar pode se constituir em denúncia da perda de confiança nas Sagradas Escrituras ou do *proprium da teologia* e perda da substância bíblica nas convicções de fé, cujo reflexo vem à tona no sermão e no próprio exercício do ministério teológico-cristão. O “teólogo”, então, facilmente se vê constrangido a ser um “psicoterapeuta” ou “mini psicólogo e/ou sociólogo”. Em todos os casos, nas últimas décadas, salta aos olhos uma certa negligência do labor exegético-bíblico e teológico e uma busca acentuada nas mais diversas áreas do saber como “solução” para problemas ético-teológicos mal resolvidos; muitas vezes, isso acontece sob a égide da “interdisciplinaridade”. E nem sempre está claro o que significa “interdisciplinaridade”.

2.2 Novos enfoques na pesquisa do NT

Não se trata de uma pesquisa desinteressada na história. Bem pelo contrário, neste novo enfoque da pesquisa também se trata de um *método histórico*. O interesse básico desses métodos é praticamente o mesmo: averiguar os fatos. O método histórico(-crítico) enquanto método não é descartado, pois uma pesquisa séria não pode abrir mão da busca mais precisa possível dos fatos. Contudo, entre as duas leituras do texto em seu meio há diferenças consideráveis. Aqui não se trata de um método de pesquisa baseado em premissas fechadas, mas de uma pesquisa que não pressupõe, a priori, a suspeita histórica. Parte-se muito mais de uma postura afirmativa ou positiva em relação ao objeto ou texto a ser analisado. O que se quer é uma alternativa à maneira como o método histórico-crítico, em boa parte, trabalhou textos bíblicos. Para isso lança mão de todos os meios “legítimos” disponíveis que ajudem na averiguação dos fatos mencionados nos textos bíblicos. Empenho especial é dedicado à tentativa de aclarar o *processo transmissivo detectável no NT*. É isso o que nos deverá ocupar de

79 Isto não aconteceu e nem acontece sem perda substancial da natureza do ministério da Palavra de Deus.

80 É claro que não queremos diminuir o valor das ciências humanas como auxiliares da teologia como também não advogamos o processo inverso.

forma mais intensiva daqui para frente.⁸¹

2.2.1 O sistema transmissivo do judaísmo⁸²

O judaísmo possuía uma herança de fé muito rica. Mas ela não era um bem garantido, pois o judaísmo via-se cercado por um mundo em fluxo e mutação que ameaçava infiltrar idéias e valores estranhos à sua fé.⁸³ Para guardar sua herança de fé, o judaísmo servia-se de um *sofisticado sistema transmissivo*. Os diversos grupos religiosos dentro do judaísmo, principalmente no séc. I a.C. até o séc. I d.C. atestam um judaísmo palestinese com diversidades e divergências, longe de ser uma grandeza uniforme. Contudo, nele havia alguns elementos fundamentais que serviam de elo de ligação entre os diversos grupos. Por exemplo, a forte consciência que Israel ou o judaísmo tinha de ser o povo eleito e escolhido por Deus e que, como tal, assumia uma posição peculiar dentre todos os povos: *A aliança de Deus com Israel!* Essa Aliança era o elemento norteador para a auto compreensão de Israel, respectivamente dos judeus.

Tratava-se de uma *aliança condicionada*; uma aliança que punha condições. Essas condições os judeus tinham como (sua) *tradição*. Podemos dizer que a *aliança era o elemento constante da piedade judaica*. E todos os novos elementos da fé agregados tiveram que passar pelo crivo da aliança feita por Deus. Abordando o assunto ora em destaque, Gerhardsson chama a atenção ao termo *Tora* como *fonte de inspiração e norma comprometedora para a vida*, tanto coletiva quanto individual e que expressa a soma das revelações e instruções de Deus ao povo.

E como tal, a *Tora* é também *elemento unificador* do/no judaísmo, pois os diversos grupos buscam a fidelidade para com ela, não obstante suas divergências na interpretação dela. Especialmente no *judaísmo farisaico-rabinico*, *Tora é a soma da herança cultural revestida de autoridade*.⁸⁴ Evidentemente, aqui *Tora* não se limita ao texto bíblico de Gênesis até Deuteronômio, mas subentende a história e herança transmissiva dos judeus que transcendia o texto das Sagradas Escrituras. Na opinião de Gerhardsson

81 São muitos os exegetas que investem nesse tipo de pesquisa. É impossível contemplá-los todos aqui. Podemos mencionar apenas alguns. Mas o fato como tal merece registro, pois, a longo prazo, isso poderá sinalizar um avanço grande em direção a uma nova perspectiva e prospectiva para a teologia bíblica como um todo. Isso seria altamente desejável para a igreja cristã de hoje.

82 Para a abordagem do presente item e dos seguintes apoiamo-nos fortemente em Hengel; Stuhlmacher e acima de tudo em Gerhardsson. Aliás, várias vezes restringimo-nos a retratar este último.

83 Referimo-nos especialmente à relação e aos conflitos entre *judaísmo e helenismo*. Cf. M. HENGEL. *Judentum und Hellenismus* (os mais diversos assuntos); P. STUHLMACHER. *Biblische Theologie des Neuen Testaments*, vol. 1, p. 9.

84 Cf. Birger GERHARDSSON. *Die Anfänge der Evangelientradition*, p. 10-11.

- o que nos parece ter um alto grau de consistência - essa pode ser sintetizada e simplificada em *tradição verbal, prática e institucional*.⁸⁵ Vejamo-las a seguir:

1) A tradição verbal. Esta compreendia a *tradição escrita e oral*. Trata-se, portanto, de palavras e textos escritos em “*livros*” ou gravados na *memória* das pessoas e era preservada dessa forma.

2) A tradição prática. Ela abrangia *ações e comportamentos normativos* de pessoas de autoridade do povo e das famílias, cujas ações e comportamentos então seriam imitados e aprendidos. Acrescentamos que aqui seria possível falar da função do exemplo comportamental, da atitude como paradigma da tradição.

3) A tradição institucional. Gerhardsson a compreende como *instituições, objetos*, tais como o *templo*, as *sinagogas*, *rolos de manuscritos*, *filactérios* (= *Gebetsriemen*), etc.⁸⁶

Na virada do tempo (= AT – NT e os séculos que envolvem essa virada) a *consciência traditiva* de Israel ou dos judeus se tornou mais forte ainda. Isso não ocorreu porque os judeus não tivessem contato com o mundo externo internacional, ao contrário.⁸⁷ O embrião da consciência transmissiva do povo judeu está na consciência que este povo tinha da implicação da *aliança de Deus com Israel*. Isso tem sua razão no próprio conteúdo da aliança ou das alianças de Deus. Por ex., em Gn 12.1ss fica evidente que a aliança de Deus com Abraão indica para além do próprio Abraão e os relatos sobre a aliança do Sinai contêm os mesmos indicadores (Dt 4.1ss, esp. 8ss).⁸⁸ A partir dessa realidade e consciência, Israel e os judeus tornaram-se notórios entre todos os povos. Nenhum outro povo tinha um apreço tão grande pela sua tradição como Israel. Ao longo da sua história como povo, Israel era suscetível aos ídolos e deuses dos outros povos. Os profetas do AT sempre de novo chamavam a atenção dessa realidade e desse risco. Gerhardsson destacou que – e isso é interessante para nossa abordagem – na *virada do tempo* houve uma valorização acentuada do *monoteísmo* em Israel, de modo que as outras religiões e seus deuses perderam seu potencial atrativo para os judeus.⁸⁹ Tudo isso ainda assume um outro colorido se considerarmos alguns fatores marcantes na história desse povo.

85 Id., p. 11-12.

86 Id. Ibid. Diga-se que também a sociedade hodierna de uma ou de outra forma está marcada pela força da tradição, ainda que hoje muitas *tradições* são de duração mais curta por causa da *invasão de novidades diárias* que quase impossibilitam a formação e continuidade histórica necessária à identidade individual e social.

87 Lembramos mais uma vez o encontro de judaísmo e helenismo; cf. também a afluência de povos a Jerusalém em At 2.

88 Cf. Dt 6.4ss, que inicia com o *Shemá Israel*.

89 B. GERHARDSSON, op. cit., p. 10-11.

a) O exílio babilônico. Por causa da *consciência aguçada* de ser o povo escolhido por Deus e ser dele dentre os povos, o exílio representou um abalo maior para Israel (= judeus) do que pudesse representar para qualquer nação sobre a terra, pois o exílio colocou em xeque a consciência desse povo. Com o exílio babilônico, a singularidade religiosa e nacional de Israel ficou existencialmente ameaçada. Mas curiosamente a consciência desse abalo não significou a diluição da tradição e identidade, mas contribuiu para a *revalorização daquilo que era próprio desse povo*.

b) A globalização helenista. O termo *globalização* cabe muito bem aqui. Com as conquistas de Alexandre Magno (ca. de 333 a.C.) iniciou um processo de helenização do mundo. Esse processo também atingiu os judeus, principalmente a partir de 198 a.C., quando estes viviam sob o senhorio dos selêucidas. *Sob os selêucidas* houve uma *tentativa de helenização radical: política, cultural e religiosa*. O clímax desse processo helenizante foi atingido com *Antíoco Epifanes IV*. É lógico, os judeus não assistiram pacificamente a esse processo; houve reações muito radicais contra a helenização.

Portanto, o zelo pelo Deus dos pais e por sua Tora os levou à luta: uns lançaram mão de *armas violentas*, outros travaram uma *guerra espiritual*. Pode-se dizer que a luta era por uma única e mesma causa, apenas os meios utilizados eram diferentes. Os livros de Macabeus refletem muito bem todo esse clima e ambiente. E é em meio a essa situação toda que a *valorização do próprio de Israel* também atingiu seu *auge*. Gerhardsson considera possível que nessa época e nessas circunstâncias tenha sido cunhado o termo *judaísmo como contratermo ao helenismo*.⁹⁰

2.2.2 A relação rabi/mestre – aluno/discípulo

O contato com o helenismo, de um modo geral, incluindo o ambiente e contexto de luta acima mencionado, também trouxe benefícios para o judaísmo. Esse contato contribuiu para a *formação de uma escolástica própria* do povo judeu; um *sistema catequético-escolar*. No helenismo, as escolas eram um meio eficaz para propagar e consolidar a cultura grega. O helenismo tornou-se uma força cultural que marcou todo o ocidente por causa da sua educação ou do seu sistema de ensino. O helenismo tem sido classificado como *civilização da παιδεία* (pedagogia)⁹¹. Os judeus

⁹⁰ Id., p. 12-13. Cf. especialmente para esse assunto André PAUL. *O Judaísmo Tardio*, p. 24ss, 285ss, principalmente p. 287-289. Para a relação entre judaísmo e helenismo em termos mais amplos, cf. M. HENGEL. *Judentum und Hellenismus*; diversas páginas e capítulos.

⁹¹ Cf. W. WIESE. *Manuscrito de Introdução ao Novo Testamento*, p. 8-10; cf. especialmente M. HENGEL, op. cit., p. 120ss.

não tardaram em usar os mesmos meios, isto é, eles fundaram escolas que serviram como *meio de imunização* dos jovens contra a influência helenística. O *currículo escolar* deles era determinado por *uma disciplina básica – a Tora*.⁹²

O objetivo principal das escolas era *transmitir* às crianças e aos jovens a *verdadeira herança dos pais de Israel*, e, dessa forma, formá-los como verdadeiros judeus, fiéis às tradições e ao estilo de vida dos pais. Os pais (= patriarcas e anciãos) como autoridades e professores assumem função importante, pois eram anciãos familiarizados com a herança fidedigna do povo de Deus. Portanto, o *objeto fundamental do estudo* era a *Tora*. E quem quisesse estudar a Tora, teria que ir a um professor, em torno do qual os alunos ou discípulos se reuniam.

Professores e alunos formavam uma espécie de *grande família* ou então uma *célula*, elemento tão importante para um processo de aprendizado eficaz e integral, que tanto nos faz falta hoje em dia – também no estudo da Palavra de Deus. Esse convívio formava laços estreitos e marcantes entre ambos (= professor – alunos), de modo que era possível detectar o perfil da escola na qual alguém estudava, diz *Gerhardsson*.⁹³

Os discípulos ou alunos aprendiam a Tora, principalmente *ouvindo*, às vezes fazendo perguntas e contribuindo com comentários, *vendo*, imitando o que viam o professor fazer. Poderíamos usar a expressão *oficina de trabalho* para designar o processo do ensino.⁹⁴ Devemos levar em conta que *Tora* era muito mais do que um material morto. *Tora* expressava em primeiro lugar uma *postura – um estilo de vida*.⁹⁵ Realmente, não havia uma postura neutra em relação à Tora nem em relação ao professor, o escriba ou rabi (= *meu mestre*).

2.2.3 O processo transmissivo oral (judaico)

Aqui nos deparamos com a seguinte interrogação básica: como o processo de transmissão oral do conteúdo da fé, inclusive os fatos históricos ocorridos e/ou inerentes ao conteúdo da fé, às gerações seguintes ocorria sem que se perdesse sua essência ou sem permitir que alterações ou interesses particulares se infiltrassem nesse processo de modo a adulterar seu sentido primário indispensável? É neste específico que nos defrontamos

92 Detalhes a esse respeito cf. em M. HENGEL, op. cit., p. 143ss.

93 B. GERHARDSSON, op. cit., p. 14-16. As duas grandes escolas eram as de Hilel e Shamaí.

94 Aqui poderíamos lembrar a relação entre *currículo oficial e currículo oculto*. Quem não vive alheio à realidade sabe muito bem que o *currículo oculto* é um elemento importante para o processo do aprendizado. Esse processo de aprendizado não é unilateral, mas bilateral; é a melhor avaliação para ou do próprio professor.

95 B GERHARDSSON, op. cit., p. 15.

com a suspeita pressuposta no método histórico-crítico de que ao longo do processo oral e também ainda no processo escrito ocorreram não somente alterações de conteúdo como também foram *criadas palavras de Jesus* a partir das necessidades das comunidades cristãs, às quais os diversos livros se destinavam, p. ex., os Evangelhos. Ou seja: a igreja cristã primitiva atribuiu a Jesus uma série de palavras e ações (?) que ele jamais proferiu e realizou. Trata-se de *vaticinium ex eventu* - profecias elaboradas depois do evento -, p. ex., a destruição do templo e da cidade de Jerusalém, etc., para legar autoridade a Jesus ou aos próprios escritos. No caso de algumas epístolas, assim se diz, foram incluídos nomes de autoridades reconhecidas como autores dessas epístolas para legar autoridade a seus escritos. Entre outros, pode-se mencionar Ef; Cl; 2Ts.

Essas alegações são teoricamente imagináveis e possíveis.⁹⁶ Contudo, é necessário perguntar: como essas questões ficam à vista do processo transmissivo, a princípio do judaísmo pré-cristão, cristão e pós-cristão, que abrange o período do séc. I a.C. ao séc IV d.C.? Não há dúvida, nesse período houve um crescimento enorme da tradição oral da Tora entre os rabinos judaicos.⁹⁷ No processo transmissivo dos valores da fé os judeus (de forma acentuada os rabinos) usavam uma *pedagogia interessante*. Queremos retratá-la aqui, recorrendo a *Gerhardsson*, que alista *sete traços característicos* desse processo transmissivo:⁹⁸

1) A memorização do conteúdo. Esse era um método de aprendizado muito antigo. Antes da arte da escrita, esta era a única forma de preservar e transmitir uma afirmação ou conteúdo mais extenso. As pessoas da antiguidade tinham uma memória muito treinada, ainda não atrofiada pelo excesso de imagens visíveis. Portanto, a regra era: *primeiro aprender e depois compreender!*

2) A relação entre texto e comentário. Depois de se ter aprendido o texto, convinha trabalhá-lo, analisando, comentando e interpretando-o.

3) Resumo conciso das palavras. Havia uma concentração na essência do conteúdo transmitido.

4) Detalhes didático-poéticos. Destes faziam parte formulações aguçadas, paralelismos, etc. Aliás, a poética hebraica favorece esse tipo de recursos didáticos.⁹⁹

5) Repetição. De fato, a *repetição é a mãe da sabedoria*. A

96 Aqui de forma alguma se trata de advogar uma inspiração verbal mecânica e de reduzir a função ou participação humana a uma atividade robótica.

97 Cf. Hugo SCHLESINGER, op. cit., p. 2525-253.

98 B. GERHARDSSON, op. cit., p. 16ss.

99 Cf. Teodorico BALLARINI & Venanzio REALI. *A poética hebraica e os Salmos*, várias páginas.

repetição era de via dupla: o professor repetia várias vezes os tópicos da lição e o aluno fazia o mesmo, tantas vezes quanto fosse necessário, para poder memorizar o assunto estudado.

6) Recitação. Aqui, segundo *Gerhardsson*, tratava-se de uma *melodia de recitação*. Observa-se que, na antiguidade, era hábito ler em voz alta, o que facilitava a memorização (= ler em voz alta é a um só tempo uma *atividade visual, auditiva e de articulação ou dicção*).

7) A arte de escrever. *Gerhardsson* é da opinião de que muitos *mestres e alunos* usavam esses recursos na transmissão do conteúdo evangélico.¹⁰⁰

Registra-se que esse *procedimento didático* também não deve ser absolutizado de modo a tornar-se um fim em si mesmo ou um “instrumento infalível”. Mas, por motivo de espaço, não podemos entrar no mérito de cada questão.¹⁰¹

2.2.4 O processo transmissivo no NT

O acima dito, no mínimo, coloca-nos diante da pergunta: existem indícios no NT de que a igreja cristã primitiva tenha usado recursos semelhantes aos do judaísmo para transmitir sua herança evangélica às gerações futuras? Muitos exegetas refutam essa possibilidade, principalmente porque - assim se argumenta - a igreja cristã primitiva, a começar pelos apóstolos, vivia na expectativa da *παρουσία* (vinda/volta/presença) de Cristo. A partir dessa postura, não poderia ter havido muito interesse em preservar o conteúdo da fé para as gerações seguintes. Esse questionamento só poderá ser respondido na medida em que se constata (“tais”) elementos transmissivos no NT ou também não se constata. Esse assunto é complexo e apenas pode ser mencionado brevemente num artigo como o presente.¹⁰²

Na busca de uma resposta para a pergunta feita, é preciso dizer com franqueza que, às vezes, não se consegue fugir de suposições. Elas também não são um problema, desde que se diga com honestidade e clareza com que suposições (ou pressupostos) se trabalha e “qual” é seu grau de probabilidade ou improbabilidade. Abaixo segue um breve *ensaio* do supradito. Para isso novamente queremos partir do estudo de *Gerhardsson* e incluiremos outras obras na medida em que elas sirvam de leitura complementar ou então aprofundem o assunto em questão.

100 B. GERHARDSSON, op. cit., p. 18-19.

101 B. GERHARDSSON, op. cit., nas páginas citadas, o próprio autor indica para contestações feitas a suas afirmações.

102 Para tanto, cf. os *tópicos* 4.2.2.4.1 até 4.2.2.4.5 deste artigo.

2.2.4.1 Alusões a tradições da Tora no NT

De fato, há indícios claros de alusões neotestamentárias à tradição da Tora. Vejamos alguns textos bíblicos na sequência em que *Gerhardsson* os alista: At 22.3; 28.17; Gl 1.14; Mc 7 (vários versículos); Mt 15 (vários versículos). Muito notória é uma série de palavras que se aproximam de *termos técnicos* usados em *processos transmissivos*: παράδοσις (= tradição), παραδιδόναι (= entregar, dar, passar para), παραλαμβάνειν (= tomar, tomar consigo, carregar), τηρεῖν (= guardar, manter vigilância sobre, preservar, etc.), κρατεῖν (= tomar para posse ou custódia; etc.), περιπατεῖν κατὰ (= andar conforme).

Estes e outros termos próprios para o processo transmissivo, oral e escrito, ocorrem muitíssimas vezes no NT. *Gerhardsson* se reporta apenas a alguns deles. Resumindo, pode-se dizer que tanto o *apóstolo Paulo* quanto os *evangelistas* deixam transparecer claramente a *tradição dos judeus*, representada principalmente pelos fariseus e escribas.¹⁰³

2.2.4.2 A tradição no cristianismo primitivo

Por exemplo, em At 22.3, Paulo menciona seu mestre Gamaliel. E Gamaliel era um rabino ou escriba expressivo do judaísmo da época.¹⁰⁴ Daí não é de estranhar que o próprio Paulo tenha aprendido e adotado procedimentos semelhantes no *processo transmissivo*, passivo e ativo, em suas cartas. Além disso, não se pode negar que *Jesus*, *Paulo* e os *demais apóstolos* eram filhos de seu tempo, isto é, *Judeus*.¹⁰⁵ A família de Jesus estava familiarizada com a tradição judaica e o próprio Jesus tinha como hábito ir à sinagoga aos sábados. Os apóstolos estavam ligados à tradição dos pais, também ainda depois da Páscoa e de Pentecostes (At 3.1). Paulo usava as sinagogas como ponto estratégico missionário. Tudo isso indica para uma *consciência transmissiva* refletida no NT.¹⁰⁶

Retomando novamente a pesquisa de *Gerhardsson*. O autor menciona textos, principalmente do *corpo epistolar*¹⁰⁷, nos quais

103 Id., p. 20-21.

104 Referente *escribas*, cf. Joaquim JEREMIAS. *Jerusalém no Tempo de Jesus*, p. 317-322; veja também os *índices*, p. 507ss.

105 Cf. P. STUHLMACHER. *Biblische Theologie des Neuen Testaments*, vol. 1, p. 5, 9; especificamente sobre Paulo, cf. M. HENGEL. *Der vorchristliche Paulus*. In: *Theologische Beiträge*, 1990/4, p. 174-195.

106 Cf. Lc 2.21-24, 41ss; Mc 2.29; 3.1ss; 6.2; Lc 4.16ss; At 3.1ss; 9.20ss; 16.13; 17.1ss; e. o.

107 Cf. 1Co 11.2, 23; 15.1, 3; Gl 1.9; Fp 4.9; 1Ts 2.13; 4.1; 2Ts 2.15; 3.6; 1Tm 5.21; 6.14, 20; 2Tm 1.14.

encontramos termos¹⁰⁸ que evidenciam ter havido uma *grandeza normativa* na igreja cristã que Paulo e outros caracterizavam como *tradição* ou *tradições* e que deveria ser transmitida, recebida e guardada com seriedade. Apesar de toda postura crítica da igreja cristã primitiva em relação à tradição judaica, não há como negar que já no período de Paulo havia *uma tradição consciente e programática*.¹⁰⁹

2.2.4.3 Aspectos da tradição em Paulo

Isso, à primeira vista, pode soar estranho, pois como Paulo poderia ser *portador da tradição*; ele que experimentou a libertação que o Evangelho proporciona aos que crêem em Jesus Cristo: *Ora, o Senhor é o Espírito; e, onde está o Espírito do Senhor, aí há liberdade* (2Co 3.17; cf. Gl 5.1). E como *pai espiritual* responsável (1Co 4.14ss; 2Co 12.14; Gl 4.19-20; 1Ts 2.11-12; Fl 10), Paulo não quer escravizar aquelas pessoas às quais anunciou o Evangelho (2Co 1.24; 4.5). Mas o apóstolo parece saber muito bem que o apelo ao *πνεῦμα* (Espírito) não é garantia de verdadeira liberdade nem de espiritualidade ou piedade bíblica. Aliás, tanto personalidades carismáticas como ortodoxas e outras quaisquer facilmente podem ser ditadores e autoritários dentro da comunidade cristã. E pior, isso ainda pode ser confundido com autoridade que Deus concede.

As comunidades que Paulo fundou, ele as convoca ou conclama para que sejam *imitadoras suas como ele é imitador de Cristo* (cf. 1Co 4.16; 11.1; e outros textos). Já o fato de o apóstolo recorrer às Escrituras para fundamentar parte da sua pregação, principalmente no que diz respeito ao cumprimento delas em Cristo, contém o *embrião da tradição*, melhor, de uma *nova tradição*. Pensamos ser sóbrio pressupor que o *processo transmissivo neotestamentário* tenha ocorrido com o mesmo rigor e responsabilidade da tradição da Tora. Ao menos a terminologia usada para esse processo nos leva a pensar fortemente nessa direção.¹¹⁰ O valor da tradição paulina só poderá ser compreendido a partir do aspecto da *imitatio: imitatio Christi – imitatio Pauli*. Por que *imitatio Pauli*? Porque Paulo é *apóstolo eleito de Cristo pela vontade de Deus* (1Co 1.1; 2Co 1.1; Rm

108 Trata-se de *παράδοσις* (= tradição, aquilo que é transmitido); *παραδίδωμι* (= entregar, passar adiante); esse(s) termo(s) ocorrem frequentemente como expressão do processo de transmissão do conteúdo da matéria que o professor passa adiante. Lembramos mais uma vez dos termos *παραλαμβάνειν* (= tomar, tomar consigo, carregar, receber, tomar em custódia; etc.); *κρατεῖν* (= tomar para posse, pegar, agarrar, segurar, reter, recuperar, etc.). Além destes termos destacamos ainda *κατέχειν* (= conservar, deter, ocupar; etc.); *ἐστηκέναι*, *ἵστημι* (= colocar, confirmar, fixar; etc.), *περιπατεῖν κατὰ* (= caminhar / viver conforme), *τηρεῖν* (= guardar, manter vigilância sobre; etc.), *φυλάσσειν* (= guardar, defender; etc.).

109 Cf. B. GERHARDSSON, op. cit., p. 21-22.

110 Cf. aqui os diversos termos gregos já mencionados acima.

1.1).

Os principais textos nos quais Paulo conclama à imitação, ao menos na sua forma literal, estão muito próximos do sistema transmissivo do judaísmo e dentro dele do relacionamento *mestre - aluno* no judaísmo rabínico (1Co 4.16-17; Fp 3.13; 4.9; 2Ts 2.15).¹¹¹ Concluimos esse tópico recorrendo mais uma vez a Gerhardsson, que destaca três aspectos em forma de resumo do resultado da sua pesquisa.

1) “O caráter pneumático do cristianismo primitivo de forma alguma exclui tradição autoritativa e processo transmissivo consciente.” Devemos ver a função de complementaridade que essas realidades têm nas Sagradas Escrituras. A história da formação do próprio NT é a prova mais incontestável desse fato.

2) “Em Paulo vemos que tradições não são rigorosamente individuais, mas que elas são dadas às comunidades, para que elas sejam preservadas na comunhão cristã.” Justamente na comunhão cristã a tradição exerce seu papel fundamental. Mas convém dizer que as tradições não são a consequência natural do Espírito de Deus de modo que elas garantam vida cristã. Por isso, deve-se cuidar para que a comunhão cristã não viva em função ou em torno das tradições, mas que estas últimas ajudem à primeira. Outra função ou razão a tradição não possui.

3) “Percebemos também que a tradição compreende várias dimensões”.¹¹² Complementarmente remetemos ao *tópico 4.2.2.1*

2.2.4.4 A relação entre “Paulo e a tradição de Jesus”

Este novo tópico mexe diretamente com o interesse de Paulo pelo *Jesus terreno* ou *histórico*. Aqui as opiniões dos exegetas estão bastante divididas. Um texto que causa controvérsias na interpretação é 2Co 5.16. Enquanto uns afirmam categoricamente que Paulo não tinha interesse no Jesus terreno nem condições para saber algo a seu respeito¹¹³, outros partem do pressuposto contrário.¹¹⁴ Não podemos entrar aqui em detalhes que envolvem essa discussão na pesquisa. Contudo, Paulo não era discípulo de Jesus de Nazaré; ao menos não nos termos convencionais de discípulo, a exemplo dos doze discípulos. Possivelmente ele nunca tenha visto Jesus nem ouvido pessoalmente uma única palavra dele, embora entre a morte

¹¹¹ Cf. acima os itens 4.2.2.1 e 3.2.2.2.

¹¹² B. GERHARDSSON, op. cit., p. 24; cf. também p. 22-25. Cf. ainda o item 4.2.2.1.

¹¹³ Cf. R. BULTMANN. *Crer e compreender*, p. 81ss; id., *Theologie des Neuen Testaments*, p. 187ss; p. 239.

¹¹⁴ P. STUHLMACHER. *Biblische Theologie des Neuen Testaments*, vol. 1, p 245, 247, 300-301. Veja também Adolf SCHLATTER. *Jesus und Paulus*, que é uma obra que não pode ser explorada aqui.

de Jesus e o início do apostolado ou do chamado ao apostolado de Paulo provavelmente não existisse uma distância temporal significativa. Por não ser discípulo (testemunha ocular) de Jesus, Paulo também não tinha as credenciais necessárias para ocupar o lugar deixado por Judas Iscariotes na lista dos doze apóstolos. Há quem diga que a escolha de Matias para o lugar que Judas anteriormente ocupava foi um equívoco e deveria ter sido ocupado por Paulo. Essa afirmação não pode ser sustentada bíblica e teologicamente, pois o pressuposto para o apostolado do grupo dos doze apóstolos era essencialmente ter sido *testemunha viva e ocular* de Jesus de Nazaré, i. é, ter *ouvido* e *visto* o que Jesus disse e fez (veja At 1.21-22 e 1Jo 1.1-4).

Considerado isto, chama a atenção que, por diversas vezes, Paulo *recorre* ou *remete à/para a(s) palavra(s) ou mandamento(s) do Senhor* e, em dados momentos, *distingue* entre esta(s) ou este(s) e suas próprias palavras e/ou mandamentos (1Co 7.10-12, 25¹¹⁵; 9.14; 1Ts 4.15; cf também At 20.35). Além disso, encontramos nos escritos paulinos muitas *alusões a palavras de Jesus*¹¹⁶ e, em dados momentos, Paulo assume a *função de transmissor da herança evangélica* (1Co 11.23ss e 1Co 15.1ss). A terminologia usada nesses dois textos é interessante e já foi mencionada acima.¹¹⁷

A que, pois, se deve o fato de Paulo reportar-se ao Senhor Jesus? Poder-se-ia dizer à revelação de Jesus Cristo a Paulo como ela é testemunhada no NT (Gl 1.12; 2.1-2; 2Co 12.1ss, especialmente o v. 7; At 9.1ss). Sem dúvida, Paulo teve revelações de Jesus Cristo e o fato mais marcante na sua vida e para o seu apostolado ou ministério apostológico¹¹⁸ como um todo foi o *episódio (evento) Damasco*, mencionado em At 9.1ss e em outros textos do livro de Atos.¹¹⁹ Nesse episódio, devemos ver a *chave maior* para a compreensão da teologia de Paulo tal qual ela “transpira” nas cartas de sua autoria.¹²⁰

Contudo, não podemos ignorar que ambos eram judeus, ou seja:

115 B. GERHARDSSON, op. cit., p. 26, diz que Paulo sabe distinguir claramente “entre o que é dito <pelo> Senhor e <no Senhor>”. A exegese bíblica faria bem estar atento a detalhes como estes.

116 P. STUHLMACHER. *Biblische Theologie des Neuen Testaments*, vol. 1, p. 301-302 e outras páginas; no lugar referido o autor alista vastas provas textuais para o que afirmamos acima.

117 Cf. o item 4.2.2.4.1. Especificamente referente 1Co 11.23ss, cf. ainda Hans CONZELMANN, op. cit., p. 238s. H. STRACK – P. BILLERBECK, op. cit., p. 444; B. GERHARDSSON, op. cit., 27-31.

118 Usamos a terminologia *apostológico* para distinguir o ministério dos apóstolos de Deus/Jesus Cristo de qualquer outro ministério posterior a eles.

119 Cf. também At 22.6ss; 24.9ss.

120 Cf. Joachim JEREMIAS. *Der Schlüssel zur Theologie des Apostels Paulus*. Trata-se de um livrete de apenas 30 páginas, porém muito útil para entender o apóstolo Paulo.

Jesus e Paulo estavam igualmente arraigados no judaísmo; e o que unia os dois era a *realidade de Deus como Criador, Senhor e Consumador do Universo*. Aqui há um elo inegável entre Jesus e Paulo. Schlatter trabalhou muito bem esse assunto já no começo do séc. XX.¹²¹ Dizer que Jesus e Paulo estavam arraigados no judaísmo significava que – a partir das averiguações já feitas¹²² - *palavras (e mandamentos) de Jesus foram fielmente transmitidas* e no mínimo o *sentido delas foi captado ou recebido por Paulo e este as passou adiante em forma de tradição escrita*. Isso nos parece ser um dado nem sempre considerado na exegese bíblica.

Paulo não cita literalmente (as) palavras de Jesus, mas ele se inspira nelas. Às vezes é possível perceber a que palavras o apóstolo se referia e às vezes não é possível. Por exemplo: enquanto o pano de fundo de *1Co 9.14* é claramente *Mt 10.9-10* e *Lc 10.7*, não se sabe mais qual é a *palavra do Senhor* que Paulo menciona em *1Ts 4.15*. Constatação semelhante fazemos em *At 20.35*. De qualquer forma, o argumento do apóstolo pressupõe palavras de Jesus e ele - Paulo -, por sua vez, procede com a tradição das palavras de Jesus como os judeus eruditos procediam com sua tradição.¹²³

Se perguntarmos pela *forma do receber* (= παραλαμβάνειν) das *palavras do Senhor*, se nos impõem duas possibilidades: **a)** O texto escrito. **b)** A tradição oral, o que significa que o respectivo conteúdo era formulado de maneira concisa e pregnante a ponto de ser possível decorá-lo. As *palavras da instituição da ceia do Senhor*, registradas em *1Co 11.23ss*, podem servir de exemplo convincente disso, dado o fato de que as palavras da ceia do Senhor foram redigidas pelos evangelistas apenas mais tarde. *Gerhardsson* é da opinião de que se trata de *tradição oral* que Paulo recebeu e transmitiu à igreja cristã.¹²⁴

Não devemos incorrer no erro de imaginarmos o processo transmissivo de palavras de Jesus como algo *rígido e estático*. Ao contrário, lendo *1Co 15.1ss*, especialmente a partir do versículo 6, tem-se a impressão de que Paulo *recebeu e explicou a tradição, acrescentando elementos necessários* à compreensão inequívoca dos leitores primários. Aliás, *1Co 15.1ss* é um dos textos mais claros que evidenciam o valor que o processo transmissivo dos eventos centrais da fé cristã tinha na igreja primitiva,

121 Cf. Adolf SCHLATTER. *Jesus und Paulus*. Um dos títulos que Schlatter aborda neste livro é *Paulus der Jünger Jesu* (= Paulo o discípulo de Jesus).

122 Lembramos novamente a *terminologia* que o próprio apóstolo Paulo usa em suas cartas quando se refere ao conteúdo da fé cristã que ele recebeu e transmitiu; cf. como exemplo *1Co 15.1ss*.

123 Em alguns casos trata-se de um procedimento semelhante ao *inspirado* na *Halahá*; cf. Hugo SCHLESINGER, op. cit., p. 100; B. GERHARDSSON, op. cit., p. 26.

124 B. GERHARDSSON, op. cit., p. 28.

também para Paulo como o personagem de maior importância literária do NT que conhecemos.

2.2.4.5 Aspectos da tradição de Jesus nos demais escritos do NT

Depois dos relatos do Evangelho, os escritos do apóstolo Paulo constituem a herança maior da fé e vida cristã dentro do NT. Inclusive dentro dos escritos do próprio NT os escritos de Paulo gozavam de reconhecimento (2Pe 3.15-16). E o mais tardar a partir de 2Pe 3.15-16 pode-se falar de *tradição paulina* no NT. Por essa razão, também dedicamos maior atenção a eles. O objetivo deste tópico aqui é apenas *indicar* para alguns *textos* que *deixam transparecer a tradição de Jesus em escritos extrapaulinos*¹²⁵ e/ou que valorizem o (contato com o) *Jesus terreno*.

Vejam alguns destes textos: **a) Da carta aos Hebreus.** Compare **Hb 2.18** e **4.15** com Mt 4.1ss, esp. o v. 3; Mc 8.33; 12.15; Lc 22.28. Compare **Hb 5.7** com Mt 26.36ss e textos paralelos.

b) Da carta de Tiago. Compare **Tg 5.12** com Mt 5.34-37. Além disso, parece-nos que em **Tg 1.22** e **2.14ss** há claras alusões ao *sermão da montanha* em Mt 5-7. Ilustrativo poderia ser também ler boa parte da carta de *Tiago* a partir de Mt 25.31-46.

c) Da primeira carta de João. Compare **1Jo 1.1-4** com Jo 1.1ss, especialmente com o v. 14 e inúmeros episódios ocorridos entre Jesus e os discípulos, principalmente os que descrevem o *convívio entre o mestre e os alunos*. Ademais, **1Jo** não cansa de mencionar “os seus mandamentos” (exemplo: **Jo 2.3-4**) ou o “mandamento antigo e (não) novo mandamento” (exemplo: **Jo 2.7-8**).

d) Do Apocalipse de João. Compare **Ap 7.16-17; 21.6; 22.1-2, 17** com Jo 4.10, 13-16; 6.35; 7.37-39. Compare **Ap 5.6, 12; 13.8** com Jo 1.29, 36 e **Ap 19.13** com Jo 1.1, 14. Ainda muitos outros textos poderiam ser arrolados, mas limitemos-nos aos textos destacados.¹²⁶

Julgamos que os exemplos destacados sejam o suficiente como prova material da importância da tradição interna do NT no NT, de modo especial da tradição de Jesus. Registra-se ainda que, além dessa *tradição neotestamentária interna*, o uso do AT no NT ou pelos autores dos livros do NT também atesta o alto valor da *tradição bíblica* para a fé cristã dos primórdios; essa tradição não só consiste do recurso ao AT, mas também de uma *releitura das Sagradas Escrituras à vista e a partir da situação soteriológica nova em Jesus Cristo*. Aqui encontramos os principais

¹²⁵ Não fazemos distinção entre *escritos paulinos* e *dêutero-paulinos*, porque consideramos que os argumentos usados contra a autenticidade paulina destes escritos não são consistentes.

¹²⁶ P. STUHLMACHER. *Biblische Theologie des Neuen Testaments*, vol. 1, p. 211ss indica ainda uma série de outros assuntos conexos entre Ap e Jo.

elementos para uma hermenêutica e teologia bíblica do NT.

V. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para concluir a presente abordagem, levantamos algumas questões para refletir:

1. Jesus e o processo transmissivo na igreja cristã

Ainda que não tenhamos dedicado um tópico específico que abordasse a posição e função direta e indireta de Jesus dentro do processo transmissivo oral (e escrito) do NT, podemos dizer o seguinte:

a) Jesus confirmou as Sagradas Escrituras, radicalizou-as e, ao mesmo tempo, reinterpreto-as, demonstrando estar acima delas, não só porque nele elas encontram o sim de Deus; o cumprimento das promessas, mas também e especialmente porque ele é o enviado do Pai celeste. A partir desses aspectos, o próprio Senhor Jesus é elemento fundamental no e para o processo transmissivo oral e escrito do (futuro) NT.

b) Os textos dos relatos do Evangelho (**Mt, Mc, Lc, Jo**) indicam ainda para uma outra contribuição de Jesus nesse processo todo; parece-nos ter sido uma contribuição consciente. Referimo-nos à forma como uma série de textos reflete palavras de Jesus. Por exemplo: no *sermão do monte* (**Mt 5-7**); em algumas *parábolas* (**Mt 13; par; Jo 10** e outros textos mais); *expressões breves* como “eu sou...” (**Jo 8.12; 11.25; 14.6**, etc.) ou o *diálogo particular com Pedro* (**Jo 21.15ss**). Nesses e em outros textos mais encontramos formulações que facilitam o processo de memorização e, conseqüentemente, a transmissão do conteúdo para outras pessoas ou gerações.

2. Possíveis mutações do material ao longo do processo de transmissão

A partir dos assuntos levantados ao longo da nossa abordagem, principalmente do **cap. IV**, temos razão de dizer que o processo de transmitir os textos do NT que confluiu no *novo cânone*, não foi um processo duvidoso ou até “fraudulento”; não há indícios consistentes que justificassem uma suspeita histórica em relação aos escritos que compõem o NT. Contudo, isso não significa que não possam ter ocorrido mudanças ou alterações do material que foi transmitido para as gerações seguintes. Parece ser sóbrio e realista não fechar os olhos diante dessa questão. Uma leitura atenciosa do relato do Evangelho (**Mateus até João**), de forma acentuada dos *relatos sinóticos*, não deixa dúvida quanto ao fato de o material original ter sido trabalhado. Querer negar isso não tem nada a ver com a fé cristã e confiança

nas Sagradas Escrituras, mas antes poderia atestar superficialidade no trato com o NT.

Aqui convém apontar principalmente para dois fatores: o **primeiro fator** é a questão da tradução das palavras de Jesus. Pergunta-se: em que língua Jesus falou? De parte das palavras de Jesus tem-se praticamente por certo que elas foram traduzidas do aramaico (ou hebraico) para o grego. Contudo, isso não se pode afirmar com certeza do todo do conteúdo delas. A pesquisa histórico-lingüística mais recente, também nos termos propostos neste artigo, é um desafio que pode levar a rever posições anteriores.¹²⁷ Como **segundo fator** é preciso lembrar que não existe tradução que não implique interpretação do texto (e/ou tradição oral) original. Toda tradução implica um grau de interpretação sem que o tradutor o queira, pois é algo inerente à lida lingüística. O fator é exatamente este, a questão da interpretação das palavras de Jesus.¹²⁸

3. Tradição e inspiração da Bíblia

Levando em consideração as questões estruturais do NT, tanto a estrutura externa quanto a estrutura e lógica interna dos escritos e todo o contexto e processo transmissivo do NT, a pergunta pela relação entre tradição e inspiração se impõe. Isso mexe com a compreensão das Sagradas Escrituras como um todo. Mencionemos apenas duas compreensões extremas e tentemos dar o norte de uma relação responsável entre pesquisa e vida e fé cristãs:

a) A Bíblia é um produto literário sócio-religioso do judaísmo, cristianismo e seu meio. Talvez paralelo e em oposição a outros produtos literários. Essa visão foi e é compartilhada por muitos pesquisadores, teólogos ou não. Dentro dessa compreensão, nas melhores das hipóteses, o NT (e/ou a Bíblia como um todo) contém “Palavra de Deus”, mas ela não é a Palavra de Deus. Conseqüentemente, o NT é de importância muito relativa para a teologia e a vida da igreja cristã.

b) A Bíblia é inspiração literal ou verbal do Espírito Santo. Este ditou literal e verbalmente as palavras. Os profetas, apóstolos e outros autores dos diversos escritos da Bíblia simplesmente redigiram este *ditado*

127 Referente às línguas originais do Evangelho e da língua-mãe de Jesus, cf. Rainer REISNER. *Jesus als Lehrer*, p. 382ss, esp. 387ss. Diga-se que o livro de Reisner como um todo é uma contribuição rica para a temática que estamos abordando. Veja também Klaus HACKER / Heinzpeter HEMPELMANN. *Hebraica Veritas. Die hebräische Grundlage der biblischen Theologie als exegetische und systematische Aufgabe*. Apesar de a obra mencionada ter apenas 78 páginas, ela é relevante. Ademais, cf. B. GERHARDSSON, op. cit., p. 55-64.

128 Cf. B. GERHARDSSON, op. cit., p. 57.

pneumático. Daí fala-se de inerrância da Bíblia em todos os sentidos.

É óbvio, existe uma diversidade grande de leituras ou interpretações e compreensões do NT que não podem ser mencionadas neste artigo. As duas leituras acima destacadas dificilmente fazem jus ao que o NT é realmente para a vida e a fé cristã no mundo de hoje. Qual seria a proposta? Uma síntese desses dois extremos?¹²⁹

c) Queremos remeter mais uma vez a Lc 1.1-4. Pensamos que a partir da realidade que esse texto deixa transparecer é possível dizer o seguinte: tradição – ou “ausência dela” - dos mais diferentes matizes como labor humano consciente e rigoroso das Sagradas Escrituras e inspiração delas da parte de Deus não se excluem mutuamente, mas se condicionam reciprocamente. Não somos os sujeitos primário e último da teologia ou interpretação do NT. Na melhor das hipóteses, somos *sujeito passivo* da teologia, ou seja: A Palavra de Deus nos é dada e como tal ela lê e interpreta nossa realidade. Nós temos a tarefa de proclamá-la. No entanto, proclamar a Palavra não se limita a recitá-la nem significa recheiar nosso discurso de textos diversos. Por conseguinte, proclamar a Palavra é também um processo de interpretá-la. Nesse processo somos o *sujeito*, porém *sujeito passivo* - em primeira instância -, pois teologia bíblica, o lidar com o NT vive essencialmente de uma realidade pré-posta que é a palavra dos grandes feitos de Deus, em juízo e graça, que nos decifra antes de nós a interpretarmos como novo anúncio e, portanto, nova interpretação.

BIBLIOGRAFIA

1. *SEPTUAGINTA*. (Ed. A. Ralphps). Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft 1979.
2. *APOKRYPHEN zum Alten und Neuen Testament*. (Ed. Alfred Schindler). Zürich:Manesse Verlag 1993.
3. BALLARINI, Teodorico & REALI, Venanzio. *A poética hebraica e os Salmos*. Petrópolis: Vozes 1985.
4. ALVES, Rubem. *Filosofia da Ciência. Introdução ao Jogo e a suas Regras*. São Paulo: Loyola 2000.
5. BENTZEN, Aegé. *Introdução ao antigo Testamento*. São Paulo: ASTE 1968.
6. BERGMANN, Gerhard. *Alarm um die Bibel*. Gladbeck: Schriftenmissions-Verlag 1974.

129 Recomendamos à leitura o livro de Gottfried BRACKEMEIER. *A autoridade da Bíblia. Controvérsias – Significado – Fundamento*. Esse livro tem 90 páginas e é uma abordagem séria estimula à reflexão teológica sobre o que a Bíblia é e/ou significa.

7. BORNKAMM, Günther. *Biblia. Novo Testamento*. São Paulo: Paulinas 1981.
8. _____. *Paulus*. Berlin: Evangelische Verlagsanstalt 1977.
9. BRACKEMEIER, Gottfried. *Mundo Contemporâneo do NT*, vol. 1. São Leopoldo: Faculdade de Teologia 1984.
10. _____. *A autoridade da Bíblia. Controvérsias – Significado – Fundamento*. São Leopoldo: Sinodal / CEBI 2003.
11. BULTMANN, Rudolf. *Crer e Compreender*. São Leopoldo: Sinodal 1986.
12. _____. *Jesus Cristo e Mitologia*. São Paulo: Novo Século 2005.
13. _____. *Theologie des Neuen Testaments*. Tübingen: J. C. B. Mohr (Siebeck) 1984.
14. CARSON, D. A. et al. *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova 1997.
15. CHANG, Hae-Kyung. *Die Knechtschaft und Befreiung der Schöpfung. Eine exegetische Untersuchung zu Röm 8, 19-22*. Inaugural Dissertation. Tübingen 1997.
16. CONZELMANN, Hans. *Der erste Brief an die Korinther*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1981.
17. FREY, Helmuth. *Die Krise der Theologie*. Wuppertal: Brockhaus 1972.
18. GERHARDSSON, Birger. *Die Anfänge der Evangelientradition*. Wuppertal: Brockhaus 1977.
19. GRABNER-HAIDER, Anton. *Paraklese und Eschatologie bei Paulus*. Münster: Aschendorf 1985.
20. GRUNDMANN, Walter. *Die frühe Christenheit und ihre Schriften*. Stuttgart: Calwer Verlag 1983.
21. HAACKER, Klaus. *Neutestamentliche Wissenschaft*. Wuppertal: Brockhaus 1985.
22. _____ / HEMPELMANN, Heinzpeter. *Hebraica Veritas*. Wuppertal / Zürich: Brockhaus 1989.
23. HÜBNER, Hans. *Biblische Theologie des Neuen Testaments*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht (3 vol.) 1990-1995.
24. HENGEL, Martin. *Aufgaben der neutestamentlichen Wissenschaft*. Wuppertal: Breockhaus 1994.
25. _____. *Der vorchristliche Paulus*. Wuppertal: Brockhaus 1990.
26. _____. *Judentum und Hellenismus*. Tübingen: J. C. B. Mohr (Paul Siebeck) 1988.
27. JEREMIAS, Joachim. *Der Schlüssel zur Theologie des Paulus*. Stuttgart: Calwer Hefte (115) 1971.

28. _____. *Jerusalém no Tempo de Jesus*. São Paulo: Paulinas 1983.
29. _____. *Teologia da Novo Testamento*. São Paulo 1984.
30. KRAUS, Joachim. *Die Biblische Theologie. Geschichte und Problematik*. Berlin: Evangelische Verlagsanstalt 1974.
31. KÜMMEL, W. Georg. *Bibel III. Neues Testament*. Tübingen: J. C. B. Mohr (Paul Siebeck) 1957.
32. _____. *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo: Paulinas 1982.
33. LAMPE, Peter. *Die stadtrömischen Christen in den ersten beiden Jahrhunderten. Untersuchung zur Sozialgeschichte*. Tübingen: J. C. B. Mohr (Paul Siebeck) 1987.
34. MAIER, Gerhard. *Das Ende der historisch-kritischen Methode*. Wuppertal: Brockhaus 1975.
35. MARXEN, Willi. *Einleitung in das Neue Testament*. Gütersloh: Gerd Mohn 1964.
36. MICHEL, Karl-Heinz. *Anfänge der Bibelkritik*. Wuppertal: Brockhaus, 1985.
37. PAROSCHI, Wilson. *Crítica Textual do Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova 1993.
38. PAUL, André. *O Judaísmo Tardio*. São Paulo: Paulinas 1983.
39. REALE, G. – DARIO, A. *História da Filosofia*, vol. 2. São Paulo: Paulinas.
40. RIESNER Rainer. *Jesus als Lehrer*. Tübingen: J.C. B. Mohn (Paul Siebeck) 1981.
41. ROST, Leonard. *Introdução aos Livros Apócrifos e Pseudepígrafos do Antigo Testamento e aos Manuscritos de Qumran*. São Paulo: Paulinas 1980.
42. SCHLATTER, Adolf. *Jesus und Paulus*. Stuttgart: Calwer Verlag 1961.
43. SCHLESINGER, Hugo. *Pequeno Vocabulário do Judaísmo*. São Paulo: Paulinas 1987.
44. SCHMIDT, Werner H. *Introdução ao Antigo Testamento*. São Leopoldo: Sinodal & IEPG 1994.
45. SCHWEIZER, Albert. *Geschichte der Leben-Jesu-Forschung*. Tübingen: J. C. B. Mohr (Paul Siebeck) 1933.
46. STRACCK, Hermann L. & BILLERBECK, Paul. *Kommentar zum Neuen Testament aus Talmud und Midrasch*, vol. 3. München: C. H. Beck'sche Verlagsbuchhandlung 1979.
47. _____. *Kommentar zum Neuen Testament aus Talmud und Midrasch*, vol. 4/1. München: C. H. Beck'sche Verlagsbuchhandlung 1978.
48. STUHLMACHER, Peter. *Biblische Theologie des Neuen Testaments*,

vol. 1. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht 1992.

49. _____. *Vom Verstehen des Neuen Testaments*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht 1986.

50. *Umwelt des Urchristentums*, vol 2 (eds. Johannes Leipold e Walter Grundmann). Berlin: Evangelische Verlagsanstalt 1979.

51. VOLKMANN, Martin et al. *Método histórico-crítico*. São Leopoldo: CEDI 1992.

52. WEGNER, Uwe. *Exegese do Novo Testamento. Manual de Metodologia*. São Leopoldo / São Paulo: Editora Sinodal & Paulus 1998.